UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE JORNALISMO CURSO DE JORNALISMO

GABRIELA LOPES GOMES

IDENTIDADES, CLUBISMO E MÍDIA ESPORTIVA:

uma análise da cobertura do clássico entre Corinthians e Palmeiras no programa *Os Donos da Bola*

Monografia

MARIANA 2021

GABRIELA LOPES GOMES

IDENTIDADES, CLUBISMO E MÍDIA ESPORTIVA:

uma análise da cobertura do clássico entre Corinthians e Palmeiras no programa *Os Donos da Bola*

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Jáuregui

Mariana 2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G633i Gomes, Gabriela Lopes.

Identidades, clubismo e mídia esportiva [manuscrito]: uma análise da cobertura do clássico entre Corinthians e Palmeiras no programa Os Donos da Bola. / Gabriela Lopes Gomes. - 2022.

99 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto. Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Análise do discurso. 2. Jornalismo esportivo. 3. Rivalidades esportivas. I. Pinto, Carlos Fernando Jáuregui. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:796



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO REITORIA INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriela Lopes Gomes Identidades, clubismo e mídia esportiva:

uma análise da cobertura do clássico entre Corinthians e Palmeiras no programa Os Donos da Bola

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 04 de janeiro de 2022

Membros da banca

Doutor - Carlos Fernando Jáuregui Pinto - Orientador (UFOP) Doutor - Adriano Medeiros da Rocha - (UFOP) Mestra - Núbia Maria Silva de Azevedo - (UNESP)

Carlos Fernando Jáuregui Pinto, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/04/2022



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Fernando Jauregui Pinto**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/04/2022, às 22:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6°, § 1°, do <u>Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de</u> 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento conferir&id orgao acesso externo=0">acesso externo=0, informando o código verificador **0305699** e o código CRC **05AAD160**.



AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Gilson e Francisca, meus irmãos Fernando e Jonathan, a minha tia Janete e a querida Juliana Almeida, por todo apoio e incentivo, sem vocês essa jornada não seria possível. À Lassie, minha irmã, por estar sempre ao meu lado. À Letícia e ao Thiago, pelo companheirismo e por viverem tudo isso comigo a distância.

Aos amigos conquistados ao longo da graduação, em especial a Laís e a Marina pela amizade e parceria de todos os dias; ao Emanuel, Marcela e Jonathan, amigos queridos que vou levar para sempre comigo; ao Giordan e a Rafaela pelas mais ternas conversas, pelo incentivo e por acreditarem nessa pesquisa antes mesmo dela ganhar vida. Ao B.V por simplesmente serem.

À Preta, "dog" amada, por ter me acolhido e ter feito com que os dias longe de casa fossem mais leves; à República Lugar Nenhum pela morada, pelos aprendizados e amizades.

À Universidade Federal de Ouro Preto e as políticas públicas que me deram a oportunidade de ocupar e permanecer nesse espaço num momento de descaso e sucateamento da educação.

Aos meus colegas e professores por todo aprendizado, vocês foram fundamentais para o meu amadurecimento e formação.

Ao meu querido professor e orientador Carlos Jáuregui por ter aceitado fazer parte e acreditado no potencial desse projeto, pelo apoio, ensinamentos, correções e trocas durante esse período.

Por fim, e não menos importante, ao meu amado clube, que você sabe qual é, por existir e me fazer ser.



RESUMO:

A presente monografia analisa representações da rivalidade entre Corinthians e Palmeiras no programa esportivo *Os Donos da Bola*, com base nas discussões realizadas pelo apresentador, repórter e comentaristas em edições pré e pós o clássico. Para esse fim, foram selecionadas quatro edições da atração no ano de 2020, correspondentes a uma vitória de cada clube nos campeonatos paulista e brasileiro. Ao longo da emissão, manifestações verbais e corporais performam a rivalidade que envolve os clubes, torcedores e os apresentadores. Com base nisso, cabe entender os rumos dos discursos, os enquadramentos temáticos e as direções problematológicas apresentadas no programa e o que dizem a respeito da rivalidade entre Corinthians e Palmeiras.

Palavras-chave: discurso, futebol, jornalismo esportivo, televisão, rivalidade.

ABSTRACT:

This article analyzes representations of the rivalry between Corinthians and Palmeiras in the sports program "Os Donos da Bola", based on discussions carried out by the presenter, reporter and commentators in pre and post classic editions. For this purpose, four editions of the show in 2020 were selected, of which each one corresponded to a victory for each club in the São Paulo and Brazilian championships. Throughout the broadcast, verbal and bodily manifestations perform the rivalry that involves clubs, fans and presenters. Based on this, it is important to understand the directions of the speeches, the thematic frameworks and the problematic directions presented in the program and what they relate to the rivalry between Corinthians and Palmeiras.

Keywords: speech, football, sports journalism, television, rivalry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vinheta: Figurinha que remete a álbum de futebol.	22
Figura 2 - Vinheta: Jogadores correndo em direção a bola.	23
Figura 3 - Vinheta: Jogador driblando outro.	23
Figura 4 - Vinheta: Diversas bocas gritando "olé"	24
Figura 5 - Vinheta: Jogador fazendo gol de bicicleta	24
Figura 6 - Vinheta Final: Jogador ao lado do letreiro da atração	25
Figura 7 - Cenário Os Donos da Bola no primeiro semestre de 2020	26
Figura 8 - Cenário Os Donos da Bola após sofrer mudanças	26
Figura 9 - O apresentador Neto alterado com a legenda.	55
Figura 10 - O repórter Fernando Fernandes traz informações sobre o caso	58
Figura 11 - Torcida do Corinthians protesta em frente ao estádio do time	60
Figura 12 - Policiais agredindo torcedores corintianos.	60
Figura 13 - Policiais criando uma barreira contra a torcida do Corinthians	61
Figura 14 - Torcedores do Palmeiras tentam entrar no estádio do clube	62
Figura 15 - Portão do estádio do Palmeiras destruído.	62
Figura 16 - Picho "8x0" no gramado do Corinthians	64
Figura 17 - Picho "Cássio Frango" na trave do gol do estádio do Corinthians	64
Figura 18 - Neto segura a camisa do Corinthians, e o hino é tocado	66
Figura 19 - Notícia sobre a saída do técnico Jorge Jesus do Flamengo	67
Figura 20 - Cobrança de falta de Neto em 1990 contra o goleiro Veloso	68
Figura 21 - Comemoração de Neto após fazer gol de falta sobre o Palmeiras	68
Figura 22 - Comemoração de Edílson após fazer gol no clássico.	68
Figura 23 - Edílson no instante do gol em clássico contra o Palmeiras	69
Figura 24 - O apresentador Neto toca a bola em direção à Veloso.	70
Figura 25 - Neto sendo especialmente expansivo.	71
Figura 26 - Neto xingando os jornalistas esportivos de "babacas"	72
Figura 27 - Neto aos gritos com produtor que torce para o time do Palmeiras	73
Figura 28 - Comentaristas felizes com a vitória do Corinthians sobre o Palmeiras	73
Figura 29 - Neto vestido com a camisa do Corinthians.	75
Figura 30 - Neto indignado com a derrota do Corinthians frente ao maior rival	75
Figura 31 - Momento em que os comentaristas se provocam durante o debate	78
Figura 32 - Veloso aos risos durante discussão sobre o futebol de Edilson	78

Figura 33 - Legenda inicial do programa após o clássico	79
Figura 34 - Legenda que designa o Corinthians como "rei" após a vitória	79
Figura 35 - Quadro do retrospecto do Corinthians frente aos rivais paulistas	80
Figura 36 - Edílson se surpreende com o reconhecimento da freguesia por Velos	o 81
Figura 37 - Lettering indicando que o debate será sobre o derby	82
Figura 38 - Faixa estendida pela torcida do Corinthians em seu estádio	83
Figura 39 - Instante em que Neto pede aos gritos a produção "Bota a data de nov	vo" 85
Figura 40 - Neto estica os pés em direção à Veloso	85
Figura 41 - Tabela do retrospecto do Corinthians sobre o Palmeiras no século	86
Figura 42 - Neto chuta a bola em direção à Veloso após provocação	88
Figura 43 - Edilson repreendendo a atitude do ex-jogador Marcos	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	12
1.1 O esporte na TV	16
1.2 Os Donos da Bola	21
2. FUTEBOL: RITUAIS, IDENTIDADES E RIVALIDADES	31
2.1 O rival de estimação: Corinthians x Palmeiras	36
2.2 A rivalidade e o ato de torcer	40
3. METODOLOGIA	47
4. ANÁLISE	52
4.1 Limites para a rivalidade	54
4.2 Clubismo, identidade e mídia esportiva	65
4.3 Retrospecto clubístico e provocação	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretendeu analisar a representação da rivalidade entre Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras no programa esportivo *Os Donos da Bola*, com base na interação entre apresentador, comentaristas e convidados, como também nos conteúdos informativos sobre o clássico. Como as partidas entre os times são abordadas pelo programa? Quais os mecanismos adotados para que a rivalidade esteja presente na atração e como ela é apresentada ao telespectador?

O que motiva essa reflexão, a princípio, é a minha paixão por esportes e a proximidade com esse universo como torcedora. O interesse pelo programa *Os Donos da Bola* é resultado das vezes em que assisti ao programa e percebi que ele foge do comum, isto é, é apresentado por um ex-jogador de futebol, cuja identidade clubística é bem clara (assim como dos comentaristas), destoando de atrações de cunho esportivo apresentadas por profissionais jornalistas. Enquanto estudante de comunicação surgiu também uma certa inquietação quanto a representação da rivalidade, os discursos proferidos e legitimados e as representações dos clubes pela mídia.

Para tanto, o estudo buscou inicialmente contextualizar e discutir o desenvolvimento da prática do jornalismo esportivo no Brasil, baseando-se nas pesquisas de Stycer (2007), Coelho (2009) e Dias (2011). Nesse primeiro capítulo, observamos como a profissionalização do esporte, os dilemas em torno da identidade clubística de profissionais e a retórica emocionada fazem parte do discurso dessa modalidade informativa. Como a pretensão era analisar um programa televisivo, fizemos discussões específicas sobre esse meio, a fim de traçar suas peculiaridades. Em seguida, a dinâmica do programa *Os Donos da Bola* é apresentada: seus cenários, sua estrutura e os componentes básicos da interação entre apresentador, comentaristas e convidados. A partir de Silva (2020) e de sua análise do programa pudemos considerar que este se caracteriza por ser informativo e opinativo, com ênfase nessa segunda dimensão.

No capítulo 2, nos voltamos para a dimensão social do futebol, a fim de compreender esse fenômeno para além das quatro linhas. É partindo de estudos como os de Damatta (1994), Damo (2001), Wisnik (2008) que buscamos entender como o futebol se relaciona com a sociedade e possibilita a criação de rituais, identidades, pertencimentos, rivalidades e violências. A partir disso, fizemos uma contextualização em torno das torcidas organizadas no

Brasil. Como o foco deste estudo era a rivalidade entre corintianos e palmeirenses, também apresentamos o histórico dessas equipes e dos confrontos marcantes entre elas, para isto, recorremos às perspectivas dos jornalistas Unzelte e Coelho (2017).

Para o desenvolvimento da análise, foram selecionadas quatro edições do programa. Tal recorte corresponde a dois programas imediatamente do dia do clássico e dois posteriores ao clássico Corinthians vs. Palmeiras, de modo a abarcar as expectativas criadas antes dos clássicos e os desdobramentos após o apito final. O primeiro confronto foi pelo Campeonato Paulista de 2020, com vitória do Corinthians e o segundo pelo Campeonato Brasileiro no mesmo ano, em que o Palmeiras saiu vitorioso. Fez-se necessário entender que, embora o país estivesse no contexto da pandemia de Covid-19, o programa e os campeonatos continuaram a ser realizados.

A metodologia de análise foi construída a partir da análise de enquadramento jornalístico segundo Gaye Tuchman e discutida por Carvalho (2009) e da teoria retórica da problematologia conforme Emediato (2010), tendo em vista as peculiaridades do meio televisivo, que não se restringe à dimensão verbal. Com base nisso, identificamos três direções argumentativas que atuam na forma como a rivalidade dos clubes é representada no programa: "Limites para a rivalidade", em que analisamos como um caso de pichação na arena do Corinthians é abordado pela atração; "Clubismo, identidade e mídia esportiva", em que discutimos se a identidade clubística está presente nos discursos dos comentaristas, bem como a adesão deles a um clube; e "Retrospecto clubístico e provocação", em que debatemos como o retrospecto estatístico (vitórias, derrotas, empates, gols) e a memória (feitos marcantes do passado) são tratados no programa e a consequência dos retrospectos na representação da rivalidade.

1. JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

O jornalismo esportivo difundiu-se em meio a popularização do futebol no Brasil em meados do século XX. Importante durante esse processo foram os meios de comunicação – jornal, rádio e televisão – que apesar de possuírem interesses e características distintas, se consagraram tornando a temática esportiva mais comum. Concomitantemente, a atividade jornalística contribuiu para que o esporte fizesse parte da sociedade, já que suas produções participam da construção das rotinas de vida de cada indivíduo (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.10).

Objetivando entender o papel do jornalismo esportivo e possíveis influências dele através das representações midiáticas, é preciso traçar o caminho dessa modalidade jornalística no Brasil. Inicialmente, pensar na relação entre esporte e paixão é primordial, tendo em vista que um conjunto diverso de emoções é desencadeado nesse universo.

Tratando-se especificamente do futebol, quando observamos a história do jornalismo esportivo no país e mais precisamente quando nos voltamos para as pesquisas acadêmicas, percebe-se que a linguagem esportiva parece conferir ao comunicador uma maior possibilidade de criação sem este precisar abrir mão da emoção, comparado às demais áreas da profissão. É o que observa Sergio Du Bocage ao comentar a cobertura de competições:

O jornalista esportivo é um privilegiado. Já sei que os que trabalham em outras editorias vão contestar, reclamar, mas esta é a mais pura verdade. E o motivo é simples: ele é o único que presencia o fato sobre o qual vai escrever, do princípio ao fim. Em nenhuma outra situação o jornalista tem esta oportunidade de viver a notícia, compartilhar dela, estar no momento do fato (BOCAGE, 2004, p.65).

Segundo Bocage, o "ser torcedor" não impede que o jornalista cumpra com as suas obrigações: "O cronista deve ser imparcial em suas colocações, nas análises que faz. Mas, daí a não ser um torcedor, vai uma distância muito grande." (2004, p.65). Para ele, os jornalistas esportivos precisam saber respeitar a paixão dos torcedores, contanto que não haja "humilhações" e "provocações". Noronha (2004), por sua vez, entende que os torcedores são contra comentaristas que expressam opiniões negativas sobre seus clubes do coração. Em contrapartida, o jornalista Juca Kfouri, alerta para os limites de transparecer as emoções: "O jornalista esportivo brasileiro dos meios eletrônicos vive a permanente ambigüidade entre torcer e informar [...]. É a velha contradição entre torcer e distorcer." (KFOURI, 2004, p.9). E complementa:

É claro que é compreensível o tom emocional das transmissões, embora os exageros sejam demasiados, o que exacerba vitórias que, por um lado, não falam muito ao coração do torcedor e, por outro, aumentam a frustração por derrotas absolutamente normais. [...] o jornalista não é nem artista nem ilusionista, precisa se preocupar em jogar luz sobre os fatos, por mais que a cobertura esportiva seja contaminada, necessariamente, pela emoção que desperta. Entre a euforia e a depressão há um espaço enorme, exatamente o que permite o exercício do bom jornalismo (KFOURI, 2004, p. 9-11).

A partir do momento em que o esporte foi sendo percebido como um potencial gerador de capital, muitos jornais especializados passaram a ser criados (BOCAGE, 2004). O primeiro deles foi o *Jornal dos Sports*, em 1930 no Rio de Janeiro. Coelho (2009) argumenta que a imprecisão dos relatos que norteavam o caderno — recheado de crônicas, dramáticas e românticas, escritas por Mário Filho e seu irmão Nelson Rodrigues —, não foi impedimento para que essa forma de escrita apaixonada fosse introduzida no meio; inclusive, essas crônicas contribuíram para a ocupação das arquibancadas, a partir dos anos 40:

Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses (COELHO, 2009, p.17).

Paulo Vinícius Coelho (2009) entende, no entanto, que o amadurecimento do jornalismo teve um ritmo lento, pois, ao longo de sua consolidação, a função muitas vezes era destinada aos recém formados na profissão. Quando questionado sobre as especialidades dos jornalistas que tratam dos esportes e o porquê destes seguirem para outras editorias, após já terem tido contato com a editoria esportiva, o autor observa: "A editoria esportiva é vista como porta de entrada por quem pretende chegar mais longe." (COELHO, 2004, p.16). Bocage (2004) segue em direção semelhante:

Quando eu ainda estava na Universidade Federal Fluminense (UFF), início dos anos 80, o que se ouvia era que as editorias de Polícia e de Esporte eram as portas de entrada para o foca/estagiário. Iam para lá porque eram editorias "menores", onde se "ralava" de verdade, para aprender e, depois, ingressar nas editorias mais respeitadas, como a Nacional, de Política ou de Economia (BOCAGE, 2004, p.66).

Essa visão estereotipada da cobertura esportiva ignora que tratar de esportes não significa deixar de tratar das demais esferas que regem a sociedade, como Política e Economia. E mesmo dentro da dinâmica dos clubes, por exemplo, o comunicador vai precisar reportar sobre as crises econômicas destes e articular a cobertura com um contexto mais amplo (COELHO, 2004).

Quanto à importância do registro que os impressos faziam sobre o futebol, destaca-se o jornal *Fanfulla* de 1910. Seu público, formado majoritariamente por italianos, grupo de

imigrantes que chegavam em São Paulo por causa da guerra, eram notificados através de suas páginas sobre os assuntos esportivos da época. Influenciados a criar um clube, o jornal registrou o nascimento do hoje Palmeiras, além de boa parte da sua história. "Não existia o que se pode chamar hoje jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra." (COELHO, 2009, p.8).

À vista disso, o autor denuncia o preconceito que o jornalismo esportivo tem que enfrentar até os dias de hoje:

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto (COELHO, 2004, p.17).

Diante desse cenário, vários foram os impressos que entraram e saíram de circulação. *Revista do Esporte*, no mercado entre o fim de 1950 e início dos 60, que presenciou a ascensão de Pelé, e *O Jornal*, são exemplos de mídias que não conseguiram sobreviver:

Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade (COELHO, 2004, p.19).

Um marco importante se deu em 1997, quando surgiu o jornal esportivo *Lance!*, cujo objetivo central, era o de "renovar a forma de gerir negócios de mídia no país bem como de 'modernizar' o jornalismo esportivo praticado então na imprensa, considerado 'velho' e 'ultrapassado" (STYCER, 2007, p.2). O jornal, desde então, é considerado um dos maiores veículos esportivos do Brasil. Stycer (2007), em artigo intitulado "Jornalismo Esportivo: 100 anos de pressão", contextualiza os momentos que mais chamaram a atenção na história desse segmento, no que diz respeito aos estudos sobre jornalismo esportivo.

Nesse aspecto, o autor sintetiza as mudanças que o jornalismo enfrentou na época, influenciado pelas que ocorreram nos Estados Unidos em relação à busca pela objetividade e a liberdade de imprensa. Entretanto, apesar dessas mudanças, algumas características continuaram a fazer parte desse segmento. Chama a atenção a presença da paixão no âmbito da profissão do jornalista, quase como um pré-requisito para atuar na área dos esportes. As mudanças ocorridas na imprensa na segunda metade do século XX levaram, por

consequência, a uma reconfiguração das posições no jornalismo esportivo (STYCER, 2007, p.6).

No caso dos jornais de prestígio, que se tornam mais sóbrios, o espaço dedicado à cobertura esportiva aumentou, a partir dos anos 60, chegando a conquistar, em alguns jornais, uma certa autonomia, em forma de cadernos próprios. A divisão do trabalho, dentro de um grande jornal, também se tornou mais nítida. As "seções" passam a ser chamadas de "editorias". O termo "cronista" como forma de designar todos os jornalistas da categoria cede espaço a termos mais específicos. A editoria de esportes de um grande jornal chega a contar com 20 profissionais, entre repórteres, redatores, assistentes de edição e o editor (STYCER, 2007, p.6).

A especialização crescente, no entanto, não significa o fim das dificuldades para essa modalidade de informação. Outrora acusados de "sensacionalismo", os jornalistas esportivos encerram o século XX sendo acusados também de corrupção (STYCER, 2007). Isso se deu, pois tornou-se comum que dirigentes esportivos pagassem jornalistas para promover notícias a respeito de seus clubes. Ademais, nesse período com o maior investimento em marketing esportivo (o que inclui venda e compra de jogadores, direito de imagens e transmissões de TV), o futebol se insere numa nova dinâmica de natureza empresarial. Desse modo, jornalistas, clubes e jogadores, tornaram-se "garotos-propagandas", estabelecendo questionamentos quanto à credibilidade da atividade jornalística (STYCER, 2007, p.13-14).

Juca Kfouri, um dos responsáveis por liderar um movimento na época contra a vinculação de jornalistas a produtos comerciais, pontua:

Jornalistas não podem assumir o papel de vendedores de ilusão e é necessário que fique bem clara a fronteira entre o esporte tratado como entretenimento (a hora do jogo, do evento) e a cobertura jornalística do mesmo momento. Já bastam aqueles que assumiram o figurino de garotos-propaganda e transformaram a programação dominical em verdadeiros bazares que vendem de cerveja a palha de aço, num atropelo sem fim à ética e aos bons costumes, algo impensável em países mais avançados, nos quais o jornalista que fizer propaganda é, imediatamente, alijado do sindicato da categoria (KFOURI, 2004, p.9).

Mais adiante, e em conjunto com os jornais impressos têm-se também o rádio e a televisão, todos meios de comunicação de massa que abusaram da criatividade em suas respectivas linguagens ao longo dos anos. O rádio, "fenômeno de comunicação de massa", como aponta Dias (2011), foi o responsável por levar o jogo para além das quatro linhas, influenciando a sociedade com palavras, neologismos e gírias que eram construídas durante as transmissões.

A linguagem utilizada nas transmissões esportivas, especificamente no futebol, é algo que não se limita ao campo, às arquibancadas ou às cabines de transmissão. Ela passou a fazer parte da rotina das pessoas, caracterizando-se com um fato social (DIAS, 2011, p.84).

Com sua dinâmica imposta pela velocidade, o rádio permite uma maior emoção e os locutores são os "responsáveis pela criação das imagens mais ricas através das palavras" enquanto o público "são as 'caixolinhas' (cabeças pensantes) dos ouvintes em toda parte do Brasil" (ARAÚJO, 2004, p.61). A carga emotiva do rádio é maior do que a proporcionada pela televisão, ainda que esta se expresse em imagens e efeitos sonoros. A exemplo, entre as décadas de 1960 e 1970, era comum que torcedores fossem aos estádios portando um rádio de pilha, pois essa mídia proporciona uma imagem fantasiosa, que permite ao ouvinte, mesmo estando no estádio "uma competição mais emocionante" (HEIZER, 2004, p.81-82).

No tocante às emoções, faz-se necessário entender as formas pelas quais elas derivam em estratégias discursivas características desse tipo de cobertura. Nesse sentido, Carlos Jáuregui (2010) faz uso do termo "patemização" para abranger os efeitos passionais que um discurso pode desencadear em quem o interpreta. Ao analisar títulos de jornais esportivos, o autor aponta que os cadernos tendem a sugerir sentimentos a seus leitores através da linguagem. Assim, dependendo das palavras escolhidas ou expressões a serem usadas pelos jornais, essas podem causar efeitos nos indivíduos que as lêem: a idolatria de atletas e clubes esportivos, a fé depositada no clube do coração, a indignação da derrota, a felicidade da vitória, o pertencimento a uma torcida organizada, o prazer e a dor de humilhar ou ser humilhado por torcedores adversários, atração ou antipatia em relação a um veículo esportivo que se posiciona positiva ou negativamente sobre o clube que o sujeito torce (JÁUREGUI, 2010).

1.1 O esporte na TV

O jornalismo esportivo adquire formas diversas nas mídias. Enquanto no rádio, seus ouvintes criam imagens mentais, no jornal impresso os leitores se deparam também com a dimensão visual apresentada pelos cadernos esportivos. As imensas imagens que ocupam as capas de jornais e suplementos dão ao leitor a possibilidade de ter suas primeiras impressões e opiniões sobre o que está sendo noticiado, estimulando a imaginação de outras formas. Com a

.

¹ Jáuregui chama a atenção para o uso desse termo. De origem grega, *páthos*, está ligada a sentimentos, emoções, paixão e afeto. A derivação usada pelo autor "patemização" não confere ligação com os termos "patológico" relacionado a doenças e nem "patético" de caráter ofensivo.

chegada da televisão nos anos 1950, a dinâmica do jornalismo esportivo muda e recebe outras especificidades que somadas com a de rádio e impresso fortalecem a emoção dos telespectadores, pois o meio presentifica o momento como nenhum outro, uma vez que comunica com imagens em movimento.

É necessário diferenciar a comunicação televisiva esportiva dos demais meios de comunicação. Na televisão existe uma forma diferente de produzir a notícia, deve-se considerar não somente o trabalho dos jornalistas, mas as especificidades que este trabalho exige. A emissora, a tecnologia oferecida, a equipe de trabalho, são referências que podem oferecer material e instrumentos de entendimento das relações e opções que se definem. Diagnosticar este processo confere em estabelecer as condições nas quais o processo de midiatização ocorre, assim como entender o espaço e as disposições da estrutura que o compõe (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.15).

Na opinião de Vitor Quartezani Dias, as mudanças socioculturais pelas quais a cultura passa tem influências midiáticas. A televisão, a título de exemplo, produz, reproduz e apresenta bens culturais e interpretações da realidade, atuando sobre a cultura, "campo de produção e reprodução simbólica", a qual se modifica constantemente. Desse modo, nesse processo de mediação, a sociedade transforma-se ao passo que as tecnologias são apresentadas a ela, através dos meios de comunicação de massa (DIAS, 2011, p.98).

As características que a televisão apresenta, tais como: imagens, efeitos sonoros e produção, a princípio, dão a ela a possibilidade de tratar de forma singular a informação que pretende transmitir. Isso permite que os telespectadores tenham visões e reações diferenciadas de uma mesma informação que é transmitida tanto por um jornal impresso, quanto pelas emissoras concorrentes "que não somente informa, mas entretém o indivíduo apropriando-se das possibilidades apreciadas pelo espectador" (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.7).

O processo de produção pelo qual um programa de televisão passa não é acessado por aqueles que a assistem, o que se vê é o produto final, isto é, "a mensagem e a 'imagem animada', que produzem vários efeitos ao telespectador que variam desde a mais primitiva revolta até a mais terna emoção". Assim, não existe "manipulador" e "manipulado", pois é por intermédio da interação que o telejornal se desenha, ou seja, é a partir da "expectativa determinada pelo interesse do público", que as tomadas de decisões são colocadas em prática além de interesses, ações e disposições do canal (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.16-17).

Da mesma forma que existe a produção de uma mensagem esportiva por uma equipe de profissionais, é necessário que haja a interpretação por parte do espectador, receptor ou praticante. Isto, não somente para aumentar a quantidade de notícias relacionadas ao campo esportivo, mas principalmente para oferecer a qualidade de informação, sobretudo por um veículo de alcance tão amplo como representa a televisão. Lembrar que o engajamento entre o telejornalismo e o esporte é uma permuta de interesse de grande valor para ambos os lados, é reforçar a importância desta conexão (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.16).

A construção de um programa televisivo se dá pelo reconhecimento de seu telespectador, isto é, a emissora interage com o tipo de audiência que acompanha seu programa e isso caracteriza-se como sua identidade em relação às demais atrações, tornando todos diferentes entre si. Contudo, para conquistar tal audiência é necessário fazer uso de "elementos como sensibilidade estética, graus de atenção, estratégias interpretativas, objetivos e desejos, experiências prévias de leitura e hábitos de audiência televisiva, preferências e preconceitos". Esses elementos seriam os "modos de endereçamento", cada programa possui uma maneira particular de se comunicar com seu público (ELLSWORTH, 2001 *apud* SILVA, 2005, p.3)

Assim as mídias utilizam elementos que marcam de alguma maneira a sociedade, reforçando imagens que podem estar atreladas às mais variadas mensagens e produtos. Desta forma, a imagem toma vida, começa a adquirir significado e representações. Através do poder de suscitar emoções, a televisão encontra nos eventos esportivos momento bastante adequado para explorar o imaginário do indivíduo. Aliados à linguagem do narrador, os acontecimentos orientam o pensar do receptor, criam-se expectativas. Desta forma, um simples jogo de futebol torna-se uma batalha, a vitória de um atleta torna-se o percurso de um guerreiro e a superação dos limites, transforma-se em atos heróicos (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.8).

Assim sendo, "a comunicação televisiva esportiva não representa apenas um meio de comunicação, mas uma forma de acesso ao conhecimento sobre os esportes e suas possibilidades". Essas possibilidades se dão em resposta ao comportamento social, o interesse da população por esportes e o desejo por consumir esportes. Dessa forma, os programas esportivos surgem e, consequentemente, passam a ocupar seleto espaço na programação dos canais de TV a partir da década de 1970 (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.17)

Nesse ínterim, as atrações esportivas que apontaram nas grades dos canais de comunicação, foram precedidas de uma abertura política no Brasil que possibilitou a criação de diversos formatos de programas. O *Fantástico* e o *Globo Repórter*, criados em 1973, são exemplos de revistas semanais, "modelo" para os que viriam a seguir. A primeira iniciativa brasileira de criar um programa esportivo, se deu a partir do *Canal 100* e, posteriormente, do dominical *Esporte Espetacular* da TV Globo, que até hoje faz parte da grade da emissora. O esporte que antes só possuía espaço durante eventuais transmissões de partidas, com a chegada dos programas esportivos em consequência das tecnologias e formatos que invadem a televisão, passa a ser importante produto a ser disseminado à população, com informações do antes, do durante e depois de uma partida (SILVA, 2005).

Conforme Afonso e Júnior (2003, p.2), "o Brasil é uma sociedade cuja indústria cultural gira em torno da televisão", meio principal usado pela população para se informar e entreter, uma vez que, o país possui baixa escolaridade e pouca demanda por outros meios de

comunicação como jornais e revistas. No momento histórico da produção da análise de Afonso e Júnior — nos primeiros anos do século XXI e da internet — a TV, seria uma espécie de "elo" entre o indivíduo e o mundo globalizado. Por sua vez, o telejornalismo atuaria como um instrumento de persuasão oculta que faz uso do esporte em prol do consumo, pois a televisão simboliza o consumo e participa ativamente do cotidiano da sociedade.

Bourdieu (1997 *apud* Afonso e Júnior, 2003) entende que esse meio comunicacional estabelece as regras do jogo perante o telespectador. Dessa maneira, existe uma espécie de censura oculta no processo de comunicação, escolha dos temas a serem abordados e o tempo de duração que suprime os discursos e os torna superficiais e padronizados. Bourdieu também identifica censuras pelas quais a televisão passa, como a censura política e econômica e reitera que existem por detrás da televisão outras fortes estruturas de dominação. Em articulação com essa visão, Afonso e Júnior também detectam uma tendência a uma abordagem superficial do esporte no meio:

Assistimos ao telejornal e depois comentamos sobre esporte de maneira superficial com as pessoas que fazem parte do nosso círculo de convivência. Não há um aprofundamento sobre esporte na televisão. Estamos sempre visualizando apenas a "ponta do iceberg". Não temos noção do filme por inteiro, somente de fotografias desse filme, o que contribui para a manutenção do senso comum como verdade absoluta. A linguagem televisiva pela sua própria natureza não permite o aprofundamento, muito menos o telejornal onde tudo é ultra-acelerado e descartável (AFONSO; JÚNIOR, 2003, p.2).

Bourdieu (1983 *apud* Afonso e Júnior, 2003) sustenta ainda que o telejornal é um "meio de propagação de parte da ação simbólica da televisão" fazendo uso de fatos que atraem o público. Esses fatos seriam os chamados "fatos-ônibus", "interessam a todo mundo sem tocar em nada de importante. Possuem uma natureza que não levanta nenhum tipo de problema, algo descartável, banal - puro entretenimento" (AFONSO; JÚNIOR, 2003, p.3).

Em razão disso, Afonso e Júnior (2003) concluem que o esporte é tão banalizado na cobertura televisiva a ponto de o mais importante é estar antenado sobre o que está sendo destaque, sem a preocupação com maiores detalhamentos:

O resultado - "quem ganhou" - é o que interessa ser conferido. Essa frase se transformou no principal sentido em relação ao esporte para ávidos telespectadores, é a própria banalização do esporte reforçada pelo telejornal nos onipresentes momentos: do gol, do ace, do último ponto, do nocaute, do recorde quebrado, da vibração do ídolo, da explosão da torcida, da violência, do pódio e da alegria dos vitoriosos! Tudo temperado com os recursos técnicos que o vídeo pode oferecer, câmera lenta, zoom, vários ângulos, som, edição, replay e etc. O esporte é mais um dos ingredientes dentro do show da notícia (AFONSO; JÚNIOR, 2003, p.2).

Apesar disso, Afonso e Júnior (2003) salientam também para a importância de reconhecer as potencialidades e limites da televisão como um todo. Para os autores, o espaço

em que o torcedor está inserido colabora com a forma que ele capta as informações que lhe são passadas. Desse modo, o torcedor não é um mero consumidor, um espectador passivo, ele sabe quais informações guardar e quais descartar sobre o que lhe é apresentado pela televisão de acordo com o que vive no dia a dia.

Considerando o esporte um produto a ser consumido, a televisão enxergou neste a possibilidade de gerar renda e o transformou em um espetáculo já que "detentora de grande tecnologia e produção altamente especializada" a TV "articula comentário, sons e um discurso bastante sedutor, tornando qualquer elemento potencialmente comercializável" (Silva e Júnior, 2009, p.10).

Seguindo esta linha, o esporte também começa a apresentar-se como um evento organizado de grandes dimensões: com expressivos patrocínios e movimentando pessoas, empresas, países e dinheiro. Assim, surgem grandes e pequenos eventos competitivos, nacionais ou internacionais, que não somente são os produtos transmitidos pela televisão, mas, principalmente, representam o assunto que será referenciado nos programas telejornalísticos (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.7).

No processo de consolidação da cobertura esportiva na televisão, muitos foram os programas que vieram a ser criados e, apesar do número de atrações, isso não significa necessariamente que eles são plurais, isto é, que apresentam de fato uma variedade de informação. Conforme Silva e Júnior (2009), os programas esportivos na TV se caracterizam por apresentarem uma enorme quantidade de assuntos voltados para os esportes, contudo, a maioria dessas informações veiculadas pelo meio são repetitivas e, além do mais, se concentram em tratar de futebol.

Em relação aos participantes desses programas, sabe-se que em sua maioria são compostos por profissionais que exercem a atividade jornalística, mas isso varia de acordo com cada atração. Em alguns casos, são mediados por ex-esportistas, como no programa *Os Donos da Bola*, cuja equipe de apresentadores são três ex-jogadores de futebol.

Para o desenvolvimento da pesquisa, é preciso ainda considerar que esses programas esportivos, comumente construídos no formato de "mesa redonda" que é um "gênero de programa de debate", se configuram como uma atividade jornalística cuja linguagem é mais descontraída comparada aos demais telejornais (BARA, 2018 *apud* SILVA, 2020, p.9). Programas esportivos também podem recorrer a "arquivo de imagens ou a técnica de mediação orientada por um profissional que não somente transmite a mensagem, mas algumas vezes oferece uma leitura da notícia" (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.12). Essa leitura da notícia é "típica do jornalismo esportivo, já que o público espera uma avaliação por parte dos jornalistas especializados" (SILVA, 2005, p.7).

Ouvir as discussões, e divergências que acontecem entre os convidados, suscita a curiosidade do telespectador. As mesas de debate podem ser consideradas espaço de entretenimento, mas são de grande representação para o meio esportivo. Os conteúdos abordados passam de simples comentários a verdades reproduzidas. Isto sugere a atenção para o roteiro e construção do objeto e assunto que se discute (SILVA; JÚNIOR, 2009, p.12).

Chaparro (2003 *apud* SILVA, 2020, p.5) sugere que "o produto jornalístico é fruto de uma subjetividade necessariamente fundamentada na objetividade dos fatos", assim os comentários dos mediadores se dão não somente embasados nas informações que eles possuem, mas também com a presença de opinião. Desse modo, ao possibilitar a informação, o comentarista sugere outras perspectivas sobre a informação, bem como assuntos que relacionados com os dos demais participantes do debate geram outros.

[...] o papel do jornalismo esportivo vai além de simplesmente transmitir ao pé da letra o que está acontecendo no campo, na quadra, na pista ou na piscina. O torcedor também precisa ser informado sobre aquilo que ele não pode ver ou perceber, mesmo acompanhando a disputa. Daí a relevância do comentarista esportivo (SILVA, 2020, p.6).

Em relação às dimensões informativas e opinativas presente nesses programas esportivos, o texto jornalístico pode ser classificado como: informativo, opinativo e interpretativo e "cada processo jornalístico tem sua dimensão ideológica própria, independentemente do artificio narrativo utilizado" (MELO, 2003, p.25 *apud* SILVA, 2020, p.5). Em vista disso, a depender dos interesses do programa e, como visto anteriormente, de sua audiência, faz uso desses recursos para conquistar seus telespectadores.

Nesse contexto, a questão da subjetividade-objetividade é fator essencial para o estudo e a prática do jornalismo especializado em esportes, uma vez que o profissional e o ambiente são, na maior parte do tempo, tomados por uma paixão, muitas vezes, à flor da pele (SILVA, 2020, p.7).

Buscamos observar essas dimensões no programa esportivo *Os Donos da Bola*, pois os debates se caracterizam por serem majoritariamente opinativos, ainda que tragam ao telespectador informações sobre o universo esportivo, como discutiremos no próximo item.

1.2 Os Donos da Bola

Os Donos da Bola² é uma atração de debate esportivo, veiculada nacionalmente pela Rede Bandeirantes desde 2012. Antes de fazer parte efetivamente da grade de programação da emissora era um quadro do telejornal policial *Cidade Alerta* (SILVA, 2020). Atualmente, é exibido de segunda a sexta-feira e possui cerca de 60 minutos de duração (13h às 14h). Em São Paulo, é apresentado pelo ex-jogador José Ferreira Neto, conhecido como "Craque Neto"³. Além disso, conta com a presença de comentaristas esportivos, convidados e a participação do público via redes sociais. Quando o apresentador Neto está ausente — não é o caso das edições selecionadas para análise — o programa é mediado pelo jornalista Fernando Fernandes.

A vinheta de abertura do programa apresenta um compilado de imagens em sequência que remetem ao universo do futebol, como uma figurinha de álbum de futebol em tons alaranjados, preto e branco com a sigla "ODDB" (que significa o nome da atração), uma bola e a frase "Para jogadores entre 8 e 12 anos segunda, quarta e sexta das 08:00h às 09:00h". Em tons alaranjados, marrom e branco, têm-se o formato de dois jogadores correndo em direção a bola, enquanto vai surgindo o goleiro, o sol, as traves do gol e uma comunidade. A imagem altera para tons de azul, verde, vermelho e branco, onde podemos observar um jogador driblando o outro. Na sequência, vemos diversas bocas gritando "olé"; dentre elas, uma boca vermelha se destaca, momento em que o "olé" entoado é mostrado em letras garrafais vermelhas e pontos de exclamação. Depois, nos deparamos com um estádio em que um jogador faz um gol de bicicleta e aparece uma nova cena de um goleiro fazendo uma defesa. A imagem final é em um fundo azul com listras verticais brancas, três estrelas acima do nome da atração e o formato de um jogador ao lado segurando a bola vestido com uma camisa branca de listras vermelhas, calção e cabelos vermelhos e meião branco. O logotipo do programa fica no canto esquerdo da tela do telespectador, em letras garrafais em branco e três estrelas acima. A sonora da vinheta é composta por batuques de diversos instrumentos, o "olé" e o apito do juiz.

Figura 1 - Vinheta: Figurinha que remete a álbum de futebol.

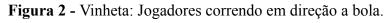
2

² Segundo informações do Kantar Ibope Media, que avalia a audiência de programas por emissora e cria um ranking, o programa não se enquadra entre os mais assistidos do canal. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-tv-15-mercados/. Acesso em: 30 de agosto de 2021. Apesar disso, possui média de audiência que varia de 2 a 4 pontos. Disponível em: https://rd1.com.br/jogo-aberto-e-os-donos-da-bola-vao-bem-band-cai-feio-com-o-melhor-da-tarde/. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

³ O programa possui outras versões locais. É apresentado no Rio de Janeiro por Edilson Silva, no Rio Grande do Sul por Leonardo Meneghetti e em Minas Gerais por Héverton Guimarães, por exemplo. Tais versões são transmitidas para outras regiões além do respectivo Estado e conta com a parceria de emissoras afiliadas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Os Donos da Bola. Acesso em: 30 de agosto de 2021.



Fonte: 4 OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 0m1s.





Fonte: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 0m2s.

Figura 3 - Vinheta: Jogador driblando outro.

_

⁴ OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=2&t=471s . Acesso em: 6 ago. 2021.



Fonte: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 0m4s.



Figura 4 - Vinheta: Diversas bocas gritando "olé".

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 0m5s.

Figura 5 - Vinheta: Jogador fazendo gol de bicicleta.



Fonte: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 0m7s.



Figura 6 - Vinheta Final: Jogador ao lado do letreiro da atração.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 0m9s.

O cenário da atração contém uma projeção de efeitos num fundo de Chroma Key, que no ano de 2020, recorte temporal desta pesquisa, sofreu alterações. No espaço ocupado pelos debatedores, o primeiro cenário remetia ao formato de uma bola em tons de azul, branco, preto, cinza e vermelho, era um cenário em tons mais abertos. Era possível observar o nome do programa de forma a circular o espaço e três poltronas vermelhas, ocupadas pelos

comentaristas e convidados, dispostas paralelamente ao apresentador. Tais poltronas ficavam no que pode ser o círculo central de um campo de futebol, cuja linha é na cor vermelha em um piso elevado de cor branca. Há a presença de uma bola, que circula entre os comentaristas ao longo da atração. A presença do repórter acontece por meio da exibição de uma tela projetada.

Com a mudança de cenário, a projeção do espaço recebeu mais detalhes e outros foram mantidos, como as poltronas vermelhas, a bola, a projeção de tela e a logo da atração que aparece no final da vinheta, mas na cor laranja. O cenário recebe agora a projeção de uma parede de bloquinhos, onde diversos objetos são exibidos: quadros dos tempos de atletas do apresentador Neto, dos comentaristas Veloso e Edílson e do "rei" Pelé, uma lousa com os dizeres "Pronto pra jogar bola" e acima uma foto da seleção brasileira, camisas de clubes brasileiros que se intercalam de acordo com o programa e manchetes de jornais antigos. Há ainda a projeção de telas, um telão que alterna entre o logo e imagens dos perfis de telespectadores e uma outra tela menor em que se exibem chamadas ao vivo com repórteres e lances de partidas a serem comentadas. Nesse novo cenário as cores são mais diversas, cujos tons são mais fechados. O piso tem a representação visual de um campo de futebol, mas na cor preta e o cenário ainda conta com um frigobar de cor laranja próximo às mesmas três poltronas vermelhas e uma lata em cor azul.



Figura 7 - Cenário Os Donos da Bola no primeiro semestre de 2020.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 6m49s.

Figura 8 - Cenário Os Donos da Bola após sofrer mudanças.



Fonte: OS DONOS DA BOLA, 10 de out. de 2020 — 7m29s.

Em ambos os cenários, o apresentador media o debate em pé, enquanto os comentaristas e convidados ficam sentados. As vestimentas dos presentes são casuais, entretanto, o apresentador faz uso, eventualmente, de camisas estampadas e que possuem alguma mensagem. Se tratando de propaganda de camisas de clubes brasileiros, a intenção não é a de necessariamente vender, o apresentador costuma receber camisas dos times de fãs, jogadores e fornecedores. Quando a camisa é do Sport Club Corinthians, Neto faz questão de vestir por cima da camisa que está usando. Em relação ao debate, os comentaristas se posicionam conforme são perguntados, quando complementam ou quando interrompem a fala de um outro comentarista. O programa traz como conteúdo matérias gravadas ou chamadas ao vivo que giram em torno dos principais clubes do Brasil, seus jogadores e ex-jogadores. Em São Paulo, o debate concentra-se nos times dessa cidade. Cabe destacar que *Os Donos da Bola* é transmitido ao vivo também pela rede social *Youtube*, onde os programas ficam armazenados e disponíveis para que os telespectadores possam acompanhar e visitar posteriormente quando quiserem.

O movimento da câmera e a escolha dos planos na TV contribuem para a construção da dinâmica do debate, uma vez que as imagens transmitidas dialogam com o que está sendo dito pelos debatedores. No decorrer da exibição do programa *Os Donos da Bola*, há uma variação entre planos gerais, planos conjuntos, planos americanos, primeiro plano e primeiríssimo plano. O plano geral mostra o cenário e os debatedores. Em momentos de propaganda e comentários do apresentador Neto, usa-se o plano conjunto, instante em que o apresentador é enquadrado de corpo inteiro e plano americano, quando o apresentador está com a palavra e é enquadrado do joelho para cima. Para enquadrar os comentaristas na

câmera usa-se o primeiro plano, enquadramento que corresponde à figura da pessoa do peito para cima e o primeiríssimo plano quando enquadram os ombros para cima. Cardoso (2006), em sua tese sobre o cenário na televisão, sustenta que o uso de diferentes planos é uma estratégia comumente utilizada por programas televisivos a fim de captar a atenção do espectador. Cada um desses planos possuem uma finalidade e estes são convocados em conformidade com os discursos que são proferidos e os temas que cada programa televisivo possui, participando da construção da marca e da identidade de um programa.

[...] mesmo sem fixar o olhar nos elementos cenográficos, podemos afirmar que há um primeiro grau de significação na cenografía que não foge à percepção do mais desatento espectador: *o reconhecimento do cenário como espaço natural ou como espaço construído*. Diante da tela, mesmo o telespectador mais ignorante no que diz respeito aos bastidores da televisão, reconhece que alguns ambientes são construídos, produzidos única e exclusivamente para aquele momento, para aquele programa, são ambiente fictícios, e que outros são ambientes "reais", isto é, têm existência própria, independente de sua utilização em um programa televisivo" (CARDOSO, 2006, p.180, grifo do autor).

Ainda no que diz respeito ao cenário, Cardoso (2006) defende que, na televisão, com seus diversos gêneros e formatos, o cenário é um texto, é uma linguagem que se difere do cinema e do teatro. Entendido como texto, passa uma mensagem e significa algo, junto com os demais elementos que fazem parte da cenografía (luz, cor, movimento, expressão, atores, projeção, etc.). Sendo uma representação que demarca a zona em que o programa será encenado, junto com os demais signos sonoros e verbais, o cenário atua como um configurador de espaço, dispõe os personagens num contexto espacial e temporal do texto, logo, é um signo capaz de denotar e conotar, ou seja, representar uma época a partir do uso de objetos e linguagens.

Além do mais, de acordo com o autor, o cenário não costuma ocupar o lugar de foco da atração; deve ser o fundo e seu objetivo é comunicar alguma coisa ao telespectador em parceria com o texto que está sendo enunciado e os demais elementos que compõem a cena, os signos visuais (comentaristas, figurinos, luz), signos sonoros (trilha e efeitos) e signos verbais (falas e legendas). Assim, quando não faz sentido junto ao texto, o cenário não comunica. O cenário, portanto, não pode ser considerado uma mera decoração, tendo em vista que é um elemento identitário e, por isso, varia de gênero a gênero, de um programa esportivo a um noticiário, "em alguns, ele atua timidamente, como mero fundo da ação; em outros, participa ativamente do texto, como elemento comunicacional" (CARDOSO, 2006, p. 88).

Contudo, mesmo acreditando que a função do cenário é atuar como elemento de significação da cena, não podemos ignorar que nas distintas formas de representação presentes na televisão existem diferentes níveis de significação. Cada gênero

televisivo irá possibilitar ao cenário uma maior ou menor participação na construção do texto do programa (CARDOSO, 2006, p. 156).

Pensando no cenário a partir da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, Cardoso (2006) vê nessa teoria a possibilidade de observar e encontrar no cenário significados que o caracterize como um elemento comunicativo, uma vez que os signos são um fenômeno que substituem ou representam um objeto, mediando o nosso conhecimento do mundo.

A respeito da presença da opinião e informação no programa *Os Donos da Bola*, Silva (2020) em sua análise, baseando-se nas falas dos comentaristas do telejornal em três edições no primeiro semestre de 2020 e nas respostas que obteve de telespectadores que acompanham o programa, concluiu que a opinião se sobressai em relação às próprias informações, logo, o programa é opinativo, não descartando que ambas as dimensões "coexistem e interagem no jornalismo esportivo" (SILVA, 2020, p.18).

Com relação aos telespectadores, Silva (2020) afirma que esses, de acordo com os dados coletados em sua pesquisa, sabem reconhecer e distinguir opinião de informação. Na visão da autora, isso contribui para o reconhecimento do que é um jornalismo profissional, aquele que se atém a informação versus aquele que tende mais a opinião.

[...] se a pessoa sabe diferenciar informação de opinião, ela também sabe que o jornalista profissional tem mais compromisso com a informação, ao passo que o convidado nem sempre precisa ser fiel à realidade dos fatos, podendo ceder às suas emoções, dando ênfase ao que ele acredita ser verdadeiro ou mais importante (SILVA, 2020, p.19).

Percebe-se, porém, que apesar de o estudo versar sobre a prática jornalística e sobre o texto jornalístico, apresenta lacunas. Isso acontece, em razão de Silva (2020), ao final de uma pesquisa se questionar se há ou não a presença de informação e opinião no programa *Os Donos da Bola*, concluir que este é opinativo. Essas limitações são reconhecidas quando observamos que Silva (2020, p.19) afirma que:

Ao cruzar a análise das respostas do questionário com o referencial teórico no qual esta pesquisa se embasa, é possível afirmar que, de fato, informação e opinião interagem no jornalismo esportivo e que o telespectador tem consciência disso, sabe diferenciar uma da outra e, portanto, essa mescla não o influencia negativamente, ou seja, não impede que ele faça sua própria leitura do que é noticiado e tenha sua própria posição a respeito.

Desse modo, pode-se inferir que a atração é opinativa, mas isso não está necessariamente ligado à participação do público. A presença da opinião dos debatedores e a criação de opinião própria dos espectadores confere uma maior interatividade entre as partes. Essa troca suscitada a partir do debate é baseada em um público que, independentemente de ter conhecimento ou não sobre esportes, sabe do que se trata e é convocado a se posicionar.

Logo, apesar de não ser comandado por um jornalista de formação, isso não impossibilita que *Os Donos da Bola* seja considerado um programa de debate esportivo. De todas as maneiras, apesar de nosso objeto ser o mesmo daquele estudado por Silva, o objetivo deste estudo é diferente: buscamos compreender como são construídas as representações da rivalidade entre os clubes paulistas Corinthians e Palmeiras, através do discurso do programa.

2. FUTEBOL: RITUAIS, IDENTIDADES E RIVALIDADES

Com o propósito de pensar a rivalidade no futebol, deve-se traçar primeiro uma rota a respeito da sociabilidade no universo esportivo.

Para Jáuregui (2010), o esporte possui certa relação com outras práticas "em maior ou menor grau: a ludicidade e a criatividade da brincadeira e do jogo despretensioso; a racionalidade e a secularidade do jogo profano; e a sacralidade e transcendentalidade do ritual e do jogo sagrado". Tais aspectos atestam que este herda atributos de práticas consideradas "pouco sérias", ainda que hoje esteja inserido numa dinâmica de mercado e sujeito a regras que dificultem esse reconhecimento (JÁUREGUI, 2010, p.47).

Damatta, Wisnik e Jáuregui (1994, 2008, 2010), conferem ao esporte, nesse caso o futebol, uma ligação com o rito, ainda que este se estabeleça partindo de uma "desigualdade para a igualdade" e o primeiro, em contraposição, de uma "igualdade para a desigualdade". Isto é, os autores reconhecem que o rito busca amenizar as diferenças postas diante das adversidades através de um equilíbrio, enquanto que o esporte condiciona o êxito de apenas um lado. Assim, apesar das diferenças e da materialidade profana do mundo, rito e esporte caminham, ainda que minimamente, lado a lado, pois é possível identificar em uma partida de futebol, por exemplo: "as pulsões de vida e morte, a consagração e derrisão de um 'bode expiatório', o poder soberano que o instaura, a borda mítico-ritual que insiste e retorna nele [...]" (WISNIK, 2008, p.67).

[...] os times opostos estão subordinados a regras comuns aos dois lados, que pairam sobre eles como uma lei que os iguala, e concorrerão entre si a uma diferença de status que vai depender dos acasos e dos talentos investidos em campo. Trata-se de um contrato de equivalência sobre bases abstratas visando à concorrência e à acumulação, ao contrário do pacto ritual visando à supressão "metafísica" da concorrência, que se faz, no limite, através da violência sacrificial (WISNIK, 2010, p.86).

Enquadrado como um "ritual agonístico", o futebol se configura entre conflitos, interesses, individualismo, coletivismo e violência (DAMATTA, 1994). Esta última tensiona e confere a esse jogo uma certa fragilidade e poder, já que representa, em certa medida, o "avesso do jogo social". A violência "ronda" e "pressiona" o futebol, e é sua grande ameaça (WISNIK, 2008, p.68).

Estamos longe, evidentemente, do rito assumido, do sacrificio ou da troca recíproca projetada como função reguladora da violência e compartilhada como festa e luta, em que o jogo é ofertado ao todo. Agora, o monopólio da violência pelo Estado, atado à Lei, rege a concorrência e tem como horizonte controlar todas as dimensões da expressão vital — o todo rege o jogo. O custo da violência constitutiva da vida

social, com sua trama de inclusões e exclusões, ganha outro aspecto, em que a sua ritualização se recalca, se sublima, mas também retorna a ponto de desvelar seu núcleo mais profundo (WISNIK, 1994, p.77).

A racionalização do esporte que surge diante do processo civilizatório ocidental, dos avanços tecnológicos e de interesses do capital, colaboraram para a modernização dessa prática social revelando uma nova dinâmica das sociedades e das relações entre os povos. "Tudo indica que o esporte tem um lado instrumental ou prático que permite 'fazer' coisas e promover riquezas; mas ele tem também um enorme eixo expressivo e/ou simbólico que apenas diz e, com os rituais, revela quem somos" (DAMATTA, 1994, p.13).

Assim, apesar de o esporte na era moderna possuir uma "aura paradoxal" constituída por normas, gestos, valores, objetos, espaços e temporalidades, não é visto como um "dever" tal qual o trabalho. O esporte, apesar de possuir uma função que reafirma características burguesas, como a disciplina e a competição, não está incumbido de ser um cimento moral da sociedade. Ao contrário, é negando o "utilitarismo dominante", que atua como respiro diante da "sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo" (DAMATTA, 1994, p.13).

A possibilidade de estarem em jogo (o fanatismo, o autoritarismo, o sexismo, a agressão, a manipulação capitalista), de forçarem o jogo, de serem catalisados, promovidos ou despertados pelo jogo, ao mesmo tempo em que negados pelo jogo, é que permite ao futebol ser um campo de conflitos simbólicos, de expressão transcultural e mundial, mais do que o deserto do espírito em que a humanidade dócil se entrega à manipulação do totalitarismo da vez (WISNIK, 2001, p.40).

Em vista disso, quando o futebol foi introduzido no Brasil o país estava passando pelo processo de industrialização, higienização urbana dos grandes centros das cidades e abertura do mercado — naquele momento, recebia enormes contingentes de imigrantes para substituir a mão de obra escravizada e promover o embranquecimento da população, através da miscigenação (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016). Sua "multivocalidade", em grande medida diferente das demais modalidades, fez do futebol: "jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso". Trazido por filhos de industriais no século XX, o jogo reverbera num ambiente regido por "favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata [...]". Numa sociedade em que as regras do jogo da vida pertenciam a alguns poucos, o futebol foi elemento importante, tornando-se no Brasil "o primeiro professor da democracia e igualdade" (DAMATTA, 1994, p.12).

Pois não foi através do nosso Parlamento que o povo aprendeu a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol, esses eventos onde os vencedores não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, vale repetir, não deve ser humilhado. Desse modo, o velho e bretão *football Association* [grifo do autor] foi apropriado por toda

a sociedade e sendo rebatizado no Brasil como "Futebol" virou uma paixão das massas e um acontecimento festejado e amado pelo povo (DAMATTA, 1994, p.12).

Wisnik (2008) observa que o futebol brasileiro, mesmo trazido pelas elites, não ficou apenas concentrado nessa classe. Jogado nos fundos das fábricas entre ingleses e operários e também praticado em várzeas, ele se popularizou nas camadas populares, fato que contribui para a difusão do amadorismo. Definido por Eric Hobsbawm no século XX como "a religião da classe operária", esse esporte foi abraçado intensamente pelos trabalhadores durante o processo de industrialização. Tal apreciação de Hobsbawm se deu, pois o envolvimento desses sujeitos "nas batalhas simbólicas" conferiu ao esporte um sentido mais ativo, sendo tomado por essa classe. Ademais, essa prática social tornou-se capaz de ilustrar os acontecimentos sociais da população brasileira, não sendo espelho da realidade e tão pouco um mecanismo de fuga em sua totalidade. É simultaneamente "veneno" e "remédio" (WISNIK, 2008, p.39.)

A droga-Brasil é irredutível a uma lógica simplista. As potencialidades surpreendentes e transformadoras do país, mesmo que utópicas ou frustradas, se revelaram sempre, em dimensão cultural, quando se suspenderam num mesmo lance barreiras sociais e mentais e quando veio à tona — na literatura, na música, no futebol e em outros campos — a combinação inusitada de que ele é feito (WISNIK, 2008, p.386).

Desse modo, o futebol enquanto um fenômeno de integração da sociedade brasileira e impulsionador dos dramas dessa nação, "ajuda uma coletividade altamente dividida a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, corporadamente e de eventualmente vencer" (DAMATTA, 1994, p.16).

Não obstante, também possibilita ao povo e, em especial, ao povo pobre, "a experiência da vitória e do êxito" (diante das desigualdades impostas), a partir da vitória de seus clubes do coração. Além de se configurar como um possibilitador da experiência de "justiça" e "igualdade" sociais, já que as partidas futebolísticas são regidas por leis, iguais para todos: "para os times campeões e para os times comuns, para ricos e pobres, para negros e brancos, e para os sãos e os doentes" (DAMATTA, 1994, p.17).

Dias (2011) refere-se ao futebol como uma ferramenta possível de ser usada em prol da união e formação de identidade nacional, pois é a partir do reconhecimento de alguns atributos culturais e dos significados empregados que os indivíduos se reconhecem enquanto nação. Um exemplo, é a maneira como o futebol jogado no Brasil retrataria a "malandragem" que é atribuída ao povo brasileiro. "O futebol institui a malandragem como arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional" (DAMATTA, 1994, p.17).

[...] não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. No fundo, o futebol prova que se pode acasalar - e acasalar muito bem - valores culturais locais, nascidos de uma visão de mundo tradicional e particularista, com uma lógica moderna e universalista (DAMATTA, 1994, p.12).

Por conseguinte, a formação identitária deu vida a uma "identidade deslocada" com o surgimento dos clubes de futebol, permitindo com que a identificação se estabelecesse de forma regional e não só nacional. A prática do "torcer" tornou os torcedores importantes personagens do espetáculo esportivo. Nesse cenário, a relação do torcedor com seu time apresenta uma lógica peculiar, já que a partir do incentivo aos jogadores, acredita ser capaz de mudar o curso do jogo. Assim, a interface com a religiosidade é comum no contexto futebolístico, pois o torcedor incentiva seu clube partindo do pressuposto de que os cânticos entoados e vaias vão mudar o curso da partida. Para o torcedor, seu time é a sua religião e o atleta é como um ídolo, um "deus". Exemplos disso não faltam, desde "sinais da cruz" diante de lances de quase gol, bem como no reconhecimento dos estádios como "templos" ou "calabouços malditos" (DIAS, 2011).

A escolha de um time, a princípio, começa muito cedo. Além do mais, essa preferência individual modifica a dinâmica do espaço social, pois a identificação ultrapassa a esfera do privado (família), ocupando os espaços públicos, ou a "rua" no vocabulário de Damatta (1994). Soma-se a isso, o fato de que a escolha depois de feita é dificilmente alterada, pois: "trocar de clube, 'virar a casaca', é uma falta gravíssima, podendo gerar suspeitas sobre a virtude e a confiabilidade de um sujeito. Como diz o hino do Flamengo, e isto vale para os demais clubes, 'uma vez Flamengo, sempre Flamengo... Flamengo até morrer" (DAMO, 2001, p.87).

Assim sendo, o "pertencimento clubístico" é definido por Arlei Damo (2001) como sendo um disfarce social, que permite com que os indivíduos tenham atitudes que seriam incomuns em ambientes públicos.

Torcer é uma forma de participação política bastante peculiar. Abordar o "pertencimento" e as atitudes decorrentes deste vínculo desde o ponto de vista estético implica reconhecer nas manifestações dos torcedores — das falas, gestos, vestuário, etc. — certas mensagens cuja decifração, em termos de forma e conteúdo, permite-nos acessar alguns conflitos subjacentes à dinâmica social (DAMO, 2001, p.88).

Dias (2011) sustenta que a individualidade desaparece a partir do momento em que o indivíduo se encontra cercado por outros que compartilham da mesma paixão. Sendo um coletivo, tais torcedores podem se sentir impelidos a partirem, inclusive, para a agressividade. O pertencimento clubístico para o pesquisador é um dos responsáveis pela violência que

ocorre dentro e fora dos estádios, bem como para a legitimação em certa medida. Wisnik (2008) salienta que o esporte, mais precisamente o jogo, é um catalisador de "violências acumuladas e potenciais, chamando-as sobre si, ora exacerbando-as, ora diluindo-as" (WISNIK, 2008, p.44). A "cultura de rivalidade" gerada pela rivalidade entre os clubes, colabora para que atitudes irracionais e emocionais sejam extravasadas (DIAS, 2011).

Em todos os casos, a base é uma só: ganhar remete ao imaginário (a sensação plena e fugaz da completude), perder remete ao real (à experiência de um corte que devolve ao sentimento da falta), e empatar, ou voltar ao zero a zero do reinício, é o pressuposto simbólico do jogo, que o movimenta e o faz recomeçar. Quando vigora dentro dessas condições, o futebol é um instrumento de elaboração de diferenças, um campo festivo e polêmico de diálogo não verbal, projetado no terreno da disputa lúdica, que atualiza a necessidade de que haja um outro para que eu seja, de que um outro me afirme ao me negar (WISNIK, 2008, p.46).

Posto isso, "as agremiações clubísticas surgem sob o signo da afirmação identitária local, necessariamente em oposição estrutural a algum outro clube de sua vizinhança ou de sua cidade". É criado um "mito" sobre a origem desses clubes que vai sendo reproduzido ao longo das gerações: "à medida que o futebol se profissionaliza, os clubes crescem em representatividade e se diversificam, mas a mística originária é cultuada por sócios, torcedores e jornalistas (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016, p.7-8). Wisnik (2008) observa que contingentes populacionais das cidades são divididos a partir das rivalidades entre clubes, como Grêmio e Internacional em Porto Alegre e Naútico e Sport Recife em Pernambuco. Essas demarcações retratam uma disputa ritualística a qual se sustenta com base em um "mercado de trocas agonísticas" estando em jogo: "o primado lúdico-guerreiro, como se não fosse possível ao grupo social existir sem suscitar por dentro a existência do outro — o rival cuja afirmação me nega me afirmando" (WISNIK, 2008, p.46).

Se o futebol é meio de representação simbólica do corpo social, é lícito supor que as rivalidades futebolísticas (que são dinâmicas, graças ao caráter não-contínuo de time campeão comum a todos os clubes futebolísticos) transformam-se de acordo com a trajetória do clube e da história da sociedade. Precisa ser admitido também que a rivalidade entre clubes aumenta quanto mais próximos geograficamente eles se encontram, e mais distantes e antagônicas são as imagens socialmente construídas deles (DIAS, 2011, p.40).

É o que acontece com os clubes paulistas Corinthians e Palmeiras, objeto desta análise, cujas origens refletem a construção da imagem e representação dos times por seus torcedores, rivais e a própria mídia.

2.1 O rival de estimação: Corinthians x Palmeiras

Buscando refletir sobre como a rivalidade entre esses dois clubes é representada pelo programa *Os Donos da Bola*, contextualizar a história das equipes e episódios que marcaram as partidas entre elas são de grande valia para este trabalho. Afinal, essas informações viabilizam a maneira como enxergamos a dimensão da rivalidade entre as equipes. Desse modo, podemos considerar que a memória e as vivências dos torcedores a respeito de determinados eventos contribuem para a manutenção e reforço mútuo da rivalidade passada de geração para geração.

O Sport Club Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palmeiras, "antes mesmo de se encontrarem pela primeira vez em um campo de futebol, [...] já dividiam os corações de uma cidade em construção pelas mãos dos imigrantes" (UNZELTE; COELHO, 2017, p.12). O Corinthians era um dos muitos times que nasceu das várzeas. Fundado em 1910 "à luz de um lampião público" por "gente de toda origem" como operários, britânicos, italianos e portugueses, no bairro italiano do Bom Retiro. Já o Palmeiras, nasceu "Palestra Italia (assim em italiano, portanto, sem acento)" (COELHO, 2017, p.10), foi fundado em 1914, idealizado por quatro jovens italianos impulsionados pela Indústrias Matarazzo e pelo jornal *Fanfulla*, que imaginava ser necessária a criação de um time italiano na cidade de São Paulo, tendo em vista a quantidade de moradores com essa origem. Interessante a saber é que o primeiro jogo do Palmeiras, num amistoso contra o Sport Club Savóia de Sorocaba, foi marcado por um empréstimo de jogadores italianos por parte do Corinthians, o que ocasionou, posteriormente, em várias outras ocasiões de jogadores saírem de um time para o outro (UNZELTE; COELHO, 2017).

Quando o Palestra Itália foi fundado, o Corinthians já disputava desde 1913 o Campeonato Paulista, e junto com o Ypiranga eram os únicos times vindos da várzea a disputar o campeonato. O Corinthians teve de enfrentar o preconceito quando os clubes de elite da época criaram um outro campeonato sem esses clubes, denominado Associação Paulista De Sports Athleticos (Apea), primeiro por ser um time da várzea e, segundo, por seus jogadores serem majoritariamente operários. O Corinthians, entretanto, foi campeão da Liga Paulista em 1914 e, apesar do bom retrospecto, não ingressou na Apea como haviam lhe prometido e teve de se contentar durante dois anos em participar de amistosos no interior. Em 1916, disputou novamente a Liga Paulista, sagrando-se novamente campeão (UNZELTE,

2017). O Palmeiras, por sua vez, disputava o campeonato pela Apea dois anos após a sua fundação. Quando em 1917 o Campeonato Paulista foi unificado e, finalmente, os clubes se encontraram pela primeira vez (UNZELTE; COELHO, 2017).

Antes do primeiro confronto, o Corinthians vinha de uma invencibilidade que já durava três anos e vinte e cinco jogos na Liga Paulista. A primeira disputa ocorreu em 6 de maio de 1917 no Parque Antarctica, campo do Palmeiras, vitória deste pelo placar de três a zero (UNZELTE, 2017). O confronto já era considerado pelos jornais da época como sendo "um dos matchs mais ansiosamente esperados no actual campeonato" segundo o *Correio Paulistano* e "o esperado encontro" como foi chamado pelo *O Estado de S. Paulo* da época (UNZELTE; COELHO, 2017, p.14). O segundo encontro entre as equipes se deu pelo mesmo campeonato e a vitória novamente foi para os palmeirenses. Dessa vez, a conquista foi bem mais documentada do que a primeira, pois havia sido criada a revista *Cigarra Esportiva*, que além de relatar por meio de fotos a partida, fez um relato antecipando do que viria a ser o "dérby" que conhecemos hoje:

Foi um grande dia, para o sport, o domingo passado. A pugna, que se disputou na floresta, foi a que mais attrahiu gente áquelle campo. O Palestra Italia e Corinthians Paulista são rivaes — e cada um conta com numerosos 'torcedores' doentes', que para a Ponte Grande se dirigiram afim de aplaudir os jogadores predilectos. Muitos, coitados, embora com o dinheiro no bolso, não puderam entrar, e tiveram que, cá fora, estar ás voltas com a policia, severa no cumprimento das ordens que recebera. De repente, ouviram uma gritaria nas archibancadas e nas geraes, e pretenderam forçar a passagem... Mas, não conseguiram. Contentavam-se em receber a noticia dos porteiros, que os informavam do que se passava. Lá dentro, desenvolvia-se um jogo bellissimo. Os dois antagonistas, com maestria e valentia, esforçavam-se para obter a victoria. E das archibancadas e geraes repletas, a cada passo vinham palmas e hurrahs enthusiasticos. [...]. Houve quem previsse, na véspera do sensacional torneio, uma 'tourada', de que resultassem conflitos. O jogo, na verdade, não foi propriamente delicado: foi bastante forte. Os contentores, todavia, comprehenderam que tal facto era inevitavel, dado o antagonismo que entre as duas 'equipes' existe, e que existirá, não se sabe até quando (UNZELTE; COELHO, 2017, p.15, grifo dos autores).

Diante desses cem anos de confronto destacados por Unzelte e Coelho (2017), certos episódios marcaram a disputa entre os clubes e hoje estão na memória de muitos corintianos e palmeirenses. Alguns desses fatos serão destacados para melhor entendermos como se dá a rivalidade entre os clubes. Um deles diz respeito ao clássico entre as equipes pelo Campeonato Paulista de 1989 que foi considerado pela Polícia Militar como uma partida que demandava atenção. Afinal, o clássico aconteceria após a morte do presidente da Torcida

⁵De acordo com Unzelte (2017), tal expressão de origem inglesa se refere a uma corrida de cavalo criada pelo Lord Derby. No Brasil é definida como sendo "jogo, partida ou competição esportiva de grande destaque" (UNZELTE, 2017, p.22).

Organizada Mancha Verde, que acusava a torcida adversária pelo ocorrido. Esperava-se uma guerra, mas ela não aconteceu (COELHO, 2017).

Outro destaque seria a criação de apelidos por parte das torcidas. Wisnik (2008) observa que essas denominações são uma maneira do torcedor provocar o rival que retribui do mesmo modo. É o caso do chamado "porco" que a torcida corintiana entoou até 1986, quando foi ressignificado pela torcida do Palmeiras (UNZELTE, 2017). Tais expressões seriam "uma caçada tipificadora com a qual se estigmatiza o outro, imobilizando-o agressivamente num estereótipo por empréstimo" (WISNIK, 2008, p.43). Existem muitas histórias por trás dessa designação ("porco"), uma dessas histórias apoia-se no fato de boa parte dos trabalhadores da Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo ser composta por italianos e palmeirenses, e o principal produto da empresa ser "banha de porco", o apelido faria alusão a essas influências. Por outro lado, a história mais famosa é a de 1969. Nesse ano os corintianos haviam perdido dois de seus jogadores num acidente automobilístico e tendo que inscrever outros dois, precisava do apoio e assinaturas dos demais clubes que participavam do Campeonato Paulista. Todavia, um representante palmeirense negou e os corintianos ficaram irritados com a falta de empatia dos rivais e no calor do momento pronunciaram a frase "espírito de porco", ressuscitando o apelido. Bandeiras com os dizeres "Porção 77", um porço sendo solto em pleno Morumbi com a camisa do Palmeiras, gritos como "Pooooorco" e "Arroz, feijão, lavagem pro porcão!" eram entoados pela torcida adversária quando se encontravam (UNZELTE, 2017, p.39).

O Palmeiras, clube tradicional de imigrantes italianos que remonta ao Palestra Itália original, tem uma torcida que extrapola esse perfil, e que tomou para si, como senha de orgulho, o xingamento de que era vítima, fazendo da designação de porco (depreciativa do imigrante, ao que parece) o seu totem. Em revanche, chama corintianos de favelados. Essa troca de estigmatizações pode degenerar em conflitos reais entre facções da torcida que, mais que o jogo, querem conflito, mas pode fazer parte, também, de um grande psicossociodrama ritualizado, cujo movimento principal consiste em lançar pecha sobre o outro e no qual os estigmas recíprocos são evacuados catarticamente (WISNIK, 2008, p.45).

Esse foi só o começo do que viria a ser o uso desse apelido, pois em 1988, em contrapartida, a expressão "Porcorinthians" foi usada pela revista *Placar*; para designar a partida disputada entre o Palmeiras e o São Paulo FC. O Palmeiras venceu a partida e ajudou seu maior rival, o Corinthians a se classificar para a final do Campeonato Paulista e se sagrar campeão. Tudo indicava para os corintianos que os palmeirenses iriam entregar o jogo para os são-paulinos, e assim, eliminar o rival. No entanto, não foi o que aconteceu e a manchete com o neologismo ilustrou o clima amistoso entre os times (UNZELTE, 2017, p.53).

Mais tarde, em 1993, o Palmeiras estava vivendo um jejum de 17 anos sem conquistar o Campeonato Paulista. Iniciando a década sendo patrocinado pela multinacional Parmalat empresa do ramo de alimentação que participava da gestão do time — e dando início ao que viria a ser o modelo empresarial do futebol brasileiro, o time enfrentou o Corinthians em dois jogos (UNZELTE, 2017; SANTOS, 2005). O primeiro jogo da final foi marcado pela imitação de um porco pelo atacante Viola após marcar o gol da vitória do Corinthians. A comemoração ficou na história do clássico e foi usada pelo técnico palmeirense Luxemburgo na época para inflamar o vestiário e motivar os jogadores palmeirenses para o confronto seguinte. O resultado da partida foi a vitória do Palmeiras por quatro a zero, dando fim ao jejum de títulos (UNZELTE; COELHO, 2017). O episódio é relembrado pelos torcedores do Palmeiras em uma música criada pela principal torcida organizada da equipe, a Mancha Alviverde: "em 93 nós ganhamos o paulistão, foi em cima dos gambás, filhas da puta, 4x0 pro verdão". Nota-se que a expressão "gambá", usada por palmeirenses para se referir aos corintianos, é um outro exemplo de designação pejorativa entoada pelas torcidas. Essa expressão está relacionada ao fato de que o animal "gambá" fede, possui as cores do Corinthians e o centro de treinamento do clube se localizar ao lado do poluído Rio Tietê.

A final do Campeonato Paulista de 1999 ficou marcada não só pelo título do Corinthians, mas também pelas embaixadinhas do jogador corintiano, antes jogador palmeirense, Edilson, hoje comentarista de futebol na Rede Bandeirantes. Duas crônicas contam versões do confronto, com o título "As embaixadas do capeta", Celso Unzelte conta:

Sozinho pela ponta direita, pouco além da linha que divide o campo, ele levanta a bola do chão, controlando-a. Faz uma, duas, três 'embaixadinhas'. Passa-a por sobre a coxa, a seguir por trás da cabeça, para delírio absoluto da Fiel. Não prestou. Pontapés, socos, correria no gramado. Briga generalizada (UNZELTE, 2017, p.61).

Enquanto, Paulo Vinícius Coelho traz seu relato com o título: "Muito além das embaixadinhas".

Com o marcador em 2 x 2 confirmando o título para o Corinthians, Edilson levantou a bola e fez embaixadinhas. A tentativa de humilhar o adversário iniciou uma das mais famosas brigas da história do Campeonato Paulista. Muito antes das embaixadinhas, Edilson já estava na história do Derby. De forma bem mais bonita (COELHO, 2017, p.57).

Tais exemplos mostram a frustração e a alegria dos torcedores-jornalistas diante do ocorrido, como também suas opiniões a respeito do episódio, mostrando que o que era só uma "brincadeira" de quem já estava com a taça nas mãos poderia ser entendido também como

_

⁶Disponível em:

https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/bate-papo-da-torcida/605848/origem-do-termo-gamba.

uma "humilhação" desnecessária para quem já tinha perdido a taça. Assim sendo, os exemplos fortalecem o argumento de Wisnik (2008) a respeito de como o jogo é levado pelos jogadores e pelos torcedores, apresentado anteriormente na página 37.

Pode-se inferir, portanto, que a disputa entre os clubes retroalimenta a rivalidade entre seus torcedores. Estes, por sua vez, vivem essa rivalidade para além do jogo, sentindo a necessidade de negar o outro a todo instante, seja de forma simbólica ou concreta. Logo, é como se o jogo não terminasse no apito final e, vestido com a camisa da agremiação torcedora, o indivíduo continuasse a competir. Os programas esportivos também não fogem dessa linha, pois criam e sustentam expectativas em torno do jogo para, finalmente, desdobrar os acontecimentos nos debates televisivos em torno dos confrontos.

2.2 A rivalidade e o ato de torcer

A paixão do torcedor pelo seu clube é um dos caminhos que o leva a se identificar com uma torcida, que pode existir de maneira ampla como o conjunto de simpatizantes de um clube (a "torcida do Flamengo", do "Atlético Mineiro" ou "do Grêmio", por exemplo) ou na figura das torcidas organizadas (a Mancha Verde e os Gaviões da Fiel, seriam respectivamente as mais conhecidas no caso do Palmeiras e Corinthians). Enquanto grupo, é torcendo pelo seu time do coração que o torcedor descobre a sua força incentivadora, assim: "não apenas as torcidas existem para o time, como também o time existiria para as torcidas" (OLIVEIRA; VELOSO, 2019, p.120). A paixão pelo clube proporciona aos indivíduos o reconhecimento de um outro que também se identifica com as mesmas cores, o que o leva a pertencer e a dividir tal paixão no estádio e fora dele. As torcidas, especialmente no caso das organizadas, são para muitos uma "família", um espaço onde é possível criar identidades e elos que ultrapassam a esfera esportiva. Tal "pertencimento e a diferenciação em relação ao restante da sociedade são um dos condicionantes da construção da sociabilidade presentes nesses grupos" (SANTOS, 2004, p.20). Assim, a rivalidade faz parte do universo das torcidas, pois ela propicia a competitividade entre seus torcedores. Estes, revestidos pela lógica da identidade clubística, buscam se organizar em coletivos, alguns sem fins lucrativos, que visam não só apoiar o próprio time do coração, mas também a de apoiar uns aos outros (DIAS, 2011). Nesse sentido, não basta o clube vencer o time adversário, existe uma necessidade de que o adversário perca o jogo, pois "a dor sentida pela torcida derrotada é maior satisfação da torcida vencedora" (DIAS, 2010, p.63).

Antes dessas formações organizacionais, com grande repercussão no país e influência no meio esportivo, havia no Brasil as torcidas uniformizadas e as chamadas "charangas", coletivos carnavalescos que pulavam carnaval e nos dias dos jogos de seus respectivos times, apoiados pelos dirigentes, iam para as arquibancadas (NETO, 2013). Foi na década de 1940 que essas agremiações surgiram. A Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP) criada em 1940 é considerada a primeira torcida que reúne torcedores de um clube; além dela a "Charanga do Flamengo" fundada em 1942, é outro exemplo de torcida que surgiu no mesmo período. Esses grupos recebiam benefícios institucionais dos clubes, a partir do financiamento em troca de apoio. Porém, tais torcedores não participavam internamente de nenhuma tomada de decisão; apenas trajavam os uniformes dos times, no caso das torcidas uniformizadas, e os apoiavam incondicionalmente (CAMPOS, LOUZADA, 2012). Para Cavalcanti, Souza e Capraro (2013, p.42):

O objetivo da criação de tais grupos era reunir sujeitos interessados em apoiar o clube nos dias de jogos, de maneira que o surgimento desse modelo de grupamento colaborou para a própria disseminação e circulação massiva do futebol no Brasil a partir do acirramento de uma série de rivalidades regionais.

Esse vínculo institucional entre clubes e torcedores na época se intensificou com a popularização do futebol no país. Entre as décadas de 1930 a 1980, o Brasil passava por constantes mudanças urbanas devido a industrialização. Com a profissionalização do futebol, a migração interna e a consolidação do rádio, a paixão foi sendo disseminada. Assim, as competições foram surgindo diante da "massificação e à nacionalização do futebol", bem como os estádios (do Pacaembu em São Paulo e o Maracanã no Rio de Janeiro) que buscavam atender às necessidades dos adeptos ao esporte de ver seus clubes do coração e seus jogadores favoritos (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016, p.9).

O surgimento das torcidas organizadas se deu, pois: "a relação entre o torcedor e o futebol deixou de ser meramente de paixão, lazer e hábito e se transformou em uma forma de expressão e busca de uma identidade social" (CAMPOS, LOUZADA, 2012, p.152). Dessa forma, a partir do final da década de 1960 surgem as primeiras organizações sem fins lucrativos, chamadas Torcidas organizadas (TO's). Estas organizações podem ser consideradas ainda como resultado do contexto histórico da ditadura militar. A primeira delas, a Gaviões da Fiel, inclusive surge em 1969, mesmo ano em que o Ato Institucional de número cinco, o AI-5, entrou em vigor, proibindo manifestações e reuniões públicas de caráter político. Influenciados pelos movimentos estudantis da época e por um sentimento de

resistência ao arbítrio, a nova geração de torcedores buscava ser mais "ativa" e "crítica" em relação aos clubes, diferentemente das formações torcedoras da década de 1940 (OLIVEIRA; VELOSO, 2019).

Essas agremiações, mesmo que formalmente independentes dos clubes, assemelham-se a eles no sentido de serem compostas organizadamente por órgãos jurídicos, distinguindo-se das torcidas uniformizadas e charangas, que possuíam apenas um "torcedor-símbolo" que os guiavam (CAVALCANTI et al., 2012). Caracterizam-se também por cobrar uma maior participação interna nas decisões dos clubes, bem como a dirigentes e jogadores uma melhor postura nos momentos em que os times não apresentavam um bom retrospecto em competições e jogos (DIAS, 2011). Tais torcidas são identificadas pelas cores dos times pelos quais torcem e possuem um símbolo (este não necessariamente está relacionado ao clube). Além disso, para que possam efetivamente funcionar, devem registrar seus estatutos, discriminando o porquê de sua existência e como realizam suas atividades, eleições e tempo de mandato de seus membros (CAMPOS; LOUZADA, 2012).

Lopes (2013) observa que a identificação dos torcedores organizados não é despertada apenas pela paixão a um mesmo clube, mas também pelo amor a agremiações torcedoras, aos membros do grupo e à importância que a torcida tem para suas vidas, pois a torcida é um compromisso social. Os integrantes de uma torcida organizada possuem um "estilo de vida" que pode se distinguir de grupo para grupo. Para esses indivíduos, fazer parte de uma torcida organizada e torcer por um clube possui um enorme valor e, em alguma medida, dá sentido à própria existência. Significa ajustar seu cotidiano ao da agremiação, adaptando suas rotinas familiares e de trabalho em função das organizadas. Devido à tamanha identificação e sociabilidade que esses espaços geram, é comum encontrarmos esses sujeitos em companhia de outros, trajados com os uniformes dos times ou da própria entidade torcedora. O "estar junto" que essas associações propiciam é, muitas vezes, o "lugar" em que esses indivíduos tendem a se sentir reconhecidos. O comprometimento desses sujeitos com as agremiações frequentando as reuniões e participando das tomadas de decisões e organizações das festividades — mostra que eles fazem parte de um grupo. Ademais, fazer parte de um torcida organizada significa participar de rituais, como ir à quadra da agremiação antes dos jogos para se encontrar com os demais componentes, para juntos irem ao estádio e ocupar um espaço já marcado culturalmente, por exemplo (CAVALCANTI et al., 2013).

Hoje em dia, os torcedores organizados são uns dos principais responsáveis por transformar o espetáculo futebolístico em uma experiência audiovisual colorida, ruidosa e excitante, levando faixas, bandeiras e instrumentos de percussão para os estádios. Além disso, são facilmente identificados pelas suas vestimentas, coreografia e cânticos de guerra próprios (LOPES, 2013, p.599).

Quanto ao "perfil" desses torcedores, Cavalcanti *et al.* (2013), sugerem que existe um pluralismo nesse ambiente, pois os sujeitos fazem parte de distintos meios sociais; são estudantes, trabalhadores de diversas áreas profissionais, desempregados etc. No entanto, os pesquisadores evidenciam que há aspectos que podem variar de torcida para torcida, pois, ao passo que existe uma multiplicidade, pode ser também que haja grupos identificados por ter membros de classes sociais específicas, assim como de regiões da cidade.

Para além da participação nas torcidas organizadas, Wisnik (2008) aponta para a centralidade das distinções de classe, contribuindo, de certo modo, para a construção da rivalidade. Existe uma ideia de, por exemplo, que no Estado de São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista corresponde às classes baixas, a Sociedade Esportiva Palmeiras provém dos italianos e o São Paulo Futebol Clube da elite paulistana.

Dias (2011) argumenta que torcedores mais dedicados tendem a ser admirados pelos seus pares ao passo que posicionam a sua força diante dos adversários. Entendendo o "torcer" como um "desligamento" do mundo real, o autor considera que essa atitude durante o jogo, favorece a legitimação das diversas emoções sentidas pelos torcedores. Por exemplo: quando um clube é derrotado, o torcedor se sente autorizado a não aceitar, criando uma "aversão" ao outro, uma espécie de "ódio", simplesmente por ele não vestir as mesmas cores.

O "torcer" é "um ato que envolve sentir afeto por um clube de futebol, com múltiplas formas de demonstração, criando complexos sistemas de sentimentos" (OLIVEIRA; VELOSO, 2019, p.114). Como já apontou Wisnik (2008) é no negar a existência do outro que o rival afirma o seu pertencimento a um grupo. Dessa forma, Oliveira e Veloso (2008, p.117) veem as torcidas como: "agrupamentos orientados para o exercício da paixão torcedora, submetida a regras e normas orientadas menos para um controle restritivo e mais para uma exaltação expansiva da paixão". Ser melhor do que a outra torcida em quantidade de membros, originalidade, organização e repertório, por exemplo, fortalece a rivalidade entre as agremiações.

Em certa medida, sua autoimagem é dependente da reafirmação constante da superioridade. A construção da imagem do grupo, de seus valores morais e de sua importância é baseada na oposição, velada ou aberta, às torcidas rivais (do mesmo clube ou não), produzindo uma dinâmica de antagonismo contínuo, sem o qual o grupo se encontra ontologicamente ameaçado. Os agrupamentos torcedores existem para a competição não apenas entre os clubes, mas também entre eles próprios, sendo, portanto, mutuamente co-dependentes (OLIVEIRA; VELOSO, 2019, p.119-120).

Outro aspecto relacionado às torcidas diz respeito às parcerias com outros grêmios (que em geral têm sede em outras localidades). Esses laços entre torcidas está relacionado ao

respeito e ao menosprezo semelhante que ambas possuem em relação a uma outra organização. Um exemplo de torcidas que possuem "alianças" é a Torcida Jovem do Vasco, a Galoucura do Atlético Mineiro e a Mancha Alviverde do Palmeiras. Essas torcidas possuem formas de se identificarem entre elas; é o caso do "gesto envolvendo punhos cruzados levantados, com o dedo médio de cada mão ereto, apontando para o ar (indicando um confronto que encontra equivalentes verbais em expressões como 'foda-se' ou 'vá se foder')" (OLIVEIRA; VELOSO, 2019, p.126).

Esse jogo de antagonismos e alianças acaba-se tornando fértil para o surgimento de diferentes tipos de violência:

A rivalidade entre as torcidas, que pode gerar ocasiões de violência ou de outras formas de expressão agressiva dos sentimentos, é produzida e reproduzida como uma forma de comunicação entre as torcidas. Por outro lado, a festa nas arquibancadas tampouco deve ser tratada como consequência natural e necessária da paixão torcedora, mas como um ritual social de manifestação dos afetos e produção e reprodução dos laços e sentimentos comunitários de torcedores (OLIVEIRA; VELOSO, 2019, p.134).

Considerando a centralidade das torcidas paulistas para este trabalho, é possível destacar a morte de um dos fundadores da extinta torcida organizada Mancha Verde em 1988 e a "batalha campal do Pacaembu" — embate entre torcedores palmeirenses e são paulinos na final da Supercopa São Paulo de Futebol Júnior de 1995, como um principais episódios nesse sentido (DIAS, 2011). Como um dos resultados do ocorrido, houve a extinção das torcidas organizadas envolvidas — Mancha Verde e Tricolor Independente do São Paulo — e a proibição no estádio da entrada de objetos e vestimentas que identifiquem essas agremiações. Teixeira e Hollanda (2016) salientam que, em função de episódios como esse, as torcidas passaram a ser criminalizadas e vistas como "problema social" e "caso de polícia". Entretanto, apesar das medidas tomadas pelos órgão públicos desde os eventos mencionados, a morte de Cleofas Sóstenes Dantas e a "batalha campal do Pacaembu", a violência não cessou, pois novos episódios passaram a ocorrer, como o confronto entre torcedores do Vasco e do Atlético Paranaense pelo Campeonato Brasileiro de 2013 que deixou feridos (REIS; LOPES, 2016).

Além do mais, as torcidas organizadas paulistas que foram extintas do futebol conseguiram contornar a decisão do Ministério Público e migraram para o carnaval paulistano, com o título de "grêmio recreativo e cultural escola de samba", não deixando de funcionar e a eventualmente participar de combates entre torcidas organizadas.

Por usarem as cores dos times de futebol e serem integradas por torcedores, essas escolas de samba são inegavelmente associadas aos clubes. A Independente, posteriormente foi banida do carnaval por se envolver em uma briga com a escola de samba Bloco

Carnavalesco Pavilhão 9 e o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Mancha Verde. Entre as escolas, a Gaviões da Fiel, ligada ao Sport Clube Corinthians Paulista foi a primeira a participar dos blocos carnavalescos e a ingressar no grupo especial. A Mancha Verde ligada a Sociedade Esportiva Palmeiras e a Dragões da Real ao São Paulo Futebol Clube, são as outras duas principais escolas relacionadas a clubes. Desde que as escolas de samba passaram a fazer parte do grupo especial e a participar do carnaval com as demais escolas tradicionais, a segurança na cidade é reforçada quando desfilam no mesmo dia (CAMPOS; LOUZADA, 2012).

Ainda se tratando da violência no futebol, esta é encarada sob diversos ângulos. Reis e Lopes (2016) apontam que este fenômeno está relacionado ao meio social com o qual dialoga. Assim, fatores sociais, econômicos, históricos e culturais que perpassam o campo de jogo, são levados em consideração. Desse modo, o fenômeno pode estar relacionado, desde ao aumento da própria violência no país, como também à "falta de acesso à educação de qualidade, à saúde, ao emprego e aos bens de consumo" (REIS; LOPES, 2016, p.696). Não obstante, "os principais elementos responsáveis pelas práticas de violência no futebol são de ordem psicossocial, ou seja, são despertos no contexto de formação de grupos onde as emoções e os sentimentos reprimidos dos indivíduos são potencializados e estimulados" (CAVALCANTE *et al.*, 2015, p.48)

É válido considerar ainda que os confrontos violentos entre torcidas de futebol, longe de ser produto do mero acaso, ou promovidos por indivíduos naturalmente desajustados, obedecem a certos arranjos que explicitam padrões de masculinidade, disputas por poder econômico, prestígio, reciprocidade e territorialidade no interior desses subgrupos (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016, p.22-23).

Por conseguinte, estigmas são construídos em torno desses torcedores. Lopes (2013) sugere que a construção simbólica vinculada a esses indivíduos, pelo uso de palavras como "vândalos", "baderneiros" e "marginais", comuns em manchetes de jornais e na fala de jornalistas, viabiliza a estigmatização desses torcedores, criando um imaginário social do que seria o torcedor organizado.

Nesse sentido, ao enfraquecer ou, até mesmo, destruir a reputação dos torcedores organizados, os discursos que os estigmatizam contribuem para minar sua credibilidade e, consequentemente, reduzir sua capacidade de mobilizar apoio e de interferir nos processos decisórios acerca das políticas de contenção da violência no futebol, em particular, e nos arranjos institucionais do futebol profissional, de uma maneira geral. Ao fazerem isso, esses discursos mantêm os torcedores organizados em uma situação de dominação e, por esta razão, possuem uma dimensão ideológica (LOPES, 2013, p.608).

Porém, as agremiações torcedoras fazem parte de uma sociedade que possui contradições estruturais. As torcidas podem preencher a lacuna deixada por outras

instituições, dando aos seus membros aquilo que lhes falta como a sensação de pertencimento, acolhimento e reconhecimento. Elas possibilitam a seus integrantes um agir social não encontrado por esses indivíduos na vida em sociedade:

Com a suposta falência de instituições como o Estado e a policia emergem essas novas formas de organização marcadas por uma relação, não apenas de solidariedade e amizade entre os pares, mas também por conflitos com outros torcedores. É como se essa juventude marginalizada, sob a forma de grupos, ocupasse o lugar deixado pelas instituições clássicas como o Estado, e tomassem a cena (SANTOS, 2004, p.20).

Por outro lado, em estudo junto a membros de torcidas organizadas, Reis e Lopes (2016) observam que eles não necessariamente correspondem a essas preconcepções. Ao contrário, traçando o perfil dos entrevistados, em sua maioria jovens, descobriram que parte importante deles possui boa escolaridade, se não estudantes possuem trabalho, e fazem parte de núcleos familiares, "são pessoas muito mais 'integradas' e próximas a 'nós' do que da forma como habitualmente são representados" (REIS; LOPES, 2016, p.702).

Em resumo, é possível dizer que os debates acerca da rivalidade no futebol possuem grande abrangência e que há uma tendência acadêmica e midiática de privilegiar a abordagem desse fenômeno pela chave da violência. Contudo, é possível observar que as torcidas dos clubes, incluindo os grupos organizados, promovem espaços de sociabilidade, pertencimento, criação de identidades, estreitamento de laços entre esses indivíduos que compartilham o mesmo estilo de vida e praticam rituais que fazem parte dos seus cotidianos.

3. METODOLOGIA

Para desenvolver esta análise é preciso considerar a complexidade que envolve um programa televisivo, como propõe o estudioso dessa mídia Arlindo Machado (2007). Conforme o autor, produtos audiovisuais possuem maneiras particulares de serem analisados. Diferentemente das análises literárias que se apresentam por meio da metalinguagem (texto verbal) e da linguagem objeto (obra a ser analisada), que podem ser citados a partir do uso de aspas, já que fazem parte da mesma natureza, no caso do audiovisual, não é possível abrir aspas para citar na integralidade o discurso de que se está analisando. E mesmo quando se traz para o corpo do texto fragmentos visuais do objeto de análise, essas figuras apenas representam o momento do discurso e não o discurso propriamente dito.

Trata-se portanto, do que se entende como o problema de "irredutibilidade" entre produtos audiovisuais e outras formas de expressão, pois ainda que seja possível analisar um programa audiovisual transformando-o em texto verbal, isso não acontece por completo, já que "sobra" uma brecha. Essa brecha abriga as peculiaridades e diferentes dimensões do produto audiovisual (que envolve discurso verbal, sons e imagens em movimento), e também da própria metalinguagem escolhida para análise. "Em toda análise televisiva há sempre uma diferença entre a metalinguagem (discurso verbal) e a linguagem objeto (programa de televisão), o que significa que um texto crítico jamais poderá dizer toda a verdade sobre seu objeto." (MACHADO, 2007, p.1).

Dada essa complexidade, entendemos que a análise que desenvolveremos será marcada por um grau de incompletude, pois "mesmo quando eficiente, ela não pode almejar mais que o diagrama da obra analisada, algo assim como um mapa abstrato de seu funcionamento como produção de sentido". (MACHADO, 2007, p.13). Desse modo, a pretensão desta pesquisa não é a de ser a interpretação única sobre as representações da rivalidade postas pelo programa *Os Donos da Bola* nas edições selecionadas. Em vez disso, almeja-se encontrar sentido naquilo que foi manifestado no objeto a partir de certos questionamentos acerca do jornalismo esportivo.

Tratar da rivalidade entre os times ao longo de quase uma década da atração nos permitiria produzir diversos trabalhos de maior aprofundamento; no entanto, entende-se que é possível encontrar indícios da problemática exposta nas edições escolhidas. Tendo em vista que "é preciso, portanto, saber distinguir entre um programa e uma edição específica de programa" (MACHADO, 2007, p.4), este trabalho visa descobrir como em quatro edições *Os*

Donos da Bola comunicam e representam a rivalidade entre Corinthians e Palmeiras. Nesse recorte, o contexto enfrentado pela sociedade, o futebol e os clubes são diferentes das demais edições, em função de questões atípicas presentes. A começar, as quatro edições definidas acontecem no ano de 2020 em meio a pandemia de Covid-19, que culminou na ausência das torcidas nos estádios devido à vigência dos protocolos sanitários e também após uma paralisação dos campeonatos esportivos no Brasil.

Selecionamos edições de *Os Donos da Bola*, quando os campeonatos voltaram a acontecer, mas ainda sem a torcida nos estádios. Desse modo, o corpus é composto pelos programas do dia 22 e 23 de julho, período no qual acontecia o Campeonato Paulista, e do dia 10 e 11 de setembro, quando ocorria o Campeonato Brasileiro. A escolha dessas edições se dá devido ao grau de representatividade e diálogo que essas possuem a respeito da rivalidade entre os clubes — problemática central desta pesquisa. Tais episódios correspondem aos dias do clássico e dias posteriores ao clássico entre Corinthians e Palmeiras, de modo a dar luz às expectativas e desdobramentos ao redor do confronto. As transmissões encontram-se disponíveis na plataforma do youtube, no canal do programa⁷ e no aplicativo Bandplay da emissora Bandeirantes. Objetiva-se analisar os comentários dos presentes — apresentador, comentaristas e convidados — assim como as matérias, legendas e possíveis quadros veiculados pela atração, observando como diferentes aspectos da rivalidade levantados nos capítulos teóricos podem se manifestar. De antemão, deixamos claro que não iremos abordar as publicidades veiculadas pelo *Os Donos da Bola* e conteúdos referentes a outras equipes

⁷ OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=2&t=471s . Acesso em: 6 ago. 2021.

OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=3. Acesso em: 6 ago. 2021.

OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=8 . Acesso em: 6 ago. 2021.

OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=9 . Acesso em: 6 ago. 2021.

para além dos dois clubes mencionados, pois entendemos que elas não fazem parte do recorte desta pesquisa.

Para enfim analisarmos as quatro edições do recorte, propomos uma metodologia inspirada na análise de enquadramento e na teoria retórica da problematologia.

A primeira, a análise de enquadramento jornalístico discutida por Carvalho (2009) a partir da abordagem proposta por Gaye Tuchman, vai nos auxiliar a direcionar o nosso olhar para aspectos da rivalidade no futebol ressaltados pelos enquadramentos construídos pelo próprio programa esportivo⁸. É levando em conta esses enquadramentos, isto é, a visão do programa perante uma realidade, que poderemos observar os ângulos escolhidos pela atração para discutir um determinado tema⁹.

Ao promover enquadramentos, o jornalismo está colocando em ação mais do que a saliência de aspectos considerados relevantes para a interpretação dos acontecimentos narrados. Está neste processo a especificidade da sua participação nas dinâmicas de construção social da realidade. Em outros termos, os enquadramentos revelam as peculiaridades de cada veículo noticioso, em suas múltiplas inserções sociais, e por isso dizem para além de um componente operacional da lógica narrativa noticiosa (CARVALHO, 2009, p.3).

Nesse sentido, a análise de enquadramento, como aponta Carvalho (2009), possibilita encontrar significados diante daquilo que é posto à nossa frente, em nosso cotidiano. Com isso, entendemos como uma temática de interesse recebe um recorte ou ângulo particular dos meios de comunicação.

Logo, pode-se a partir do enquadramento proposto por uma mídia informativa, inclinar-se a uma ideia ou outra para formar uma opinião. Quando nos deparamos, por exemplo, com o problema da desigualdade social podemos enquadrá-lo como uma questão de má distribuição de renda ou uma questão de mérito; quando pensamos no fenômeno do trabalho informal, é possível entendê-lo, de um lado, como um processo de precarização do trabalho ou, de outro, como uma oportunidade de empreendedorismo; quando um movimento social ocupa um terreno baldio, por exemplo, pode-se enquadrar a situação como uma "invasão de propriedade" ou como "ocupação política"; e, numa briga de um casal, há a possibilidade de vislumbrar tal situação como "um problema social" ou uma "questão moral", ou seja, um insulto à família.

⁸ A noção de "enquadramento jornalístico" é tributária de uma metáfora visual que pode remeter tanto à fotografia quanto ao audiovisual. Como neste trabalho tratamos de um objeto audiovisual, tomaremos o cuidado de especificar quando o termo enquadramento se referir a recortes do campo visual feitos por meio de uma câmera.

⁹ Ainda que a proposta original da análise de enquadramento tenha sido formulada por Erving Goffman, entendemos que a noção se aproxima da ideia do "recorte" ou "angulação" em torno de um tema, a partir das contribuições de Gaye Tuchman e de outro(a) autores dos estudos jornalísticos.

Outra abordagem convocada nesta pesquisa é a teoria retórica da problematologia, que se propõe a compreender de que forma os discursos "problematizam" diferentes temáticas, construindo assim pontos de vista e argumentações. De acordo com essa perspectiva, em grande medida convergente com a análise de enquadramentos, "é na forma das representações evocadas pelos textos midiáticos que podemos identificar a sua problematicidade argumentativa." (EMEDIATO, 2010, p.80).

Sendo assim, todo e qualquer enunciado não seria apenas uma declaração sobre o mundo, mas também um questionamento frente a um determinado universo temático. Em particular, "[...] faz-se necessário interpretá-lo [o texto jornalístico de informação] considerando as argumentações implícitas que traduzem a *problematicidade* subjacentes aos enunciados" (EMEDIATO, 2010, p.79).

Isso consiste em admitir que um enunciado comporta, além de uma qualificação (ser uma ordem, uma asserção, uma promessa, um julgamento etc.), uma orientação argumentativa mais ou menos apresentada como válida. Interpretar o enunciado exigiria inferir dele (mas não no sentido da inferência lógica) a sua direção argumentativa, ou, usando nosso próprio termo, a *problematicidade* (EMEDIATO, 2010, p.80, grifo do autor).

À vista disso, em nosso cotidiano, nos deparamos com diversas situações que podem ser interpretadas e relatadas (jornalisticamente) por meio de diferentes direções problematológicas. Por exemplo, em 29 de setembro de 2021, o jornal Extra do Rio de Janeiro trouxe como principal matéria¹⁰ o tema da fome no Brasil. O título "A dor da fome" e a imagem de brasileiros recolhendo restos de ossos para se alimentar ao fundo repercutiram país afora. Diante dessa capa, podemos tomar como "problema" o descaso do governo federal com a população mais carente de recursos para enfrentar a crise econômica e sanitária que se instaurou no país ao longo da pandemia de Covid-19. Outra possibilidade seria colocar a seguinte questão: "Quem são esses pobres?", daí poderemos descobrir a cor, o sexo e o grau de instrução para entendendermos a pobreza no país e a quem ela de fato atinge. Ao longo da matéria, será possível compreender "qual o problema" da fome no Brasil de 2021, segundo quem relata aquela realidade. Se o título fosse menos resumido ("As políticas de austeridade e a fome do Brasil"), seria possível afirmar desde já que esse flagelo é uma "questão" de macroeconomia.

Se tratando deste trabalho, que busca compreender como a rivalidade entre Corinthians e Palmeiras é representada pelo programa *Os Donos da Bola*, observamos os enquadramentos e direções problematológicas relacionadas à rivalidade entre os clubes para

_

¹⁰ Ver em: https://cdn.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2021/09/extra-fome.jpg.webp. Acesso em: 29 de novembro de 2021.

entender como ela é vista e representada pelo programa em questão. Nesse sentido, a bibliografia sobre jornalismo esportivo e os estudos acerca do futebol nas ciências sociais discutidos nos capítulos poderão apontar caminhos para a análise.

4. ANÁLISE

A temática abordada por *Os Donos da Bola* corresponde ao universo do futebol e aos times com maior expressão no Brasil, o que inclui uma variada gama de aspectos do esporte já mencionados neste trabalho. Como já descrevemos, o programa é transmitido pela Rede Bandeirantes de Televisão de segunda a sexta-feira e possui cerca de 60 minutos (13h às 14h) e, simultaneamente, pelo canal do youtube da atração. Nessa rede social a emissão continua no ar nos momentos em que a TV está no intervalo comercial. Possui dois blocos divididos por intervalos comerciais, o primeiro bloco dura em média quarenta minutos e o segundo cerca de vinte minutos de duração. A atração possui quadros como "Top Gol" e "Craque Raiz", que não se repetem todos os dias, isto é, existem edições em que quadros são apresentados e outras cujo repertório do programa fica somente na esfera do debate. Na edição do dia 10 de setembro pudemos observar a presença do quadro "Top Gol" e ver os gols dos apresentadores quando ainda jogavam futebol. Ao longo da transmissão, o apresentador faz propaganda comercial de produtos.

O conteúdo da atração gira em torno de matérias sobre o cotidiano dos clubes, imagens e vídeos das partidas. Eventualmente mostram-se as redes sociais de jogadores e torcedores, entrevistas coletivas ao vivo ou gravadas, entrada ao vivo de repórteres, manchetes que descrevem o tema em debate e manchetes do que será debatido ao longo do programa. Essas características, contudo, variam a cada edição, pois nem sempre se dispõem de entrevistas coletivas ou matérias.

O apresentador Neto inicia o programa com saudações, mensagens de agradecimento e sinal da cruz, durante a atração é comum vê-lo expressar sua religiosidade, bem como suas opiniões políticas. Posteriormente, cumprimenta os comentaristas, Veloso e Edílson, e o convidado do dia, já fazendo perguntas a respeito de algum destaque da rodada a ser debatido. Nas quatro edições escolhidas houve a presença de quatro convidados, Rogério Assis (radialista), conhecido por seus colegas pelo apelido de "Canhão", no dia 22 de julho; Chicão (ex-jogador do Corinthians), no dia 23 de julho; Rodrigo Vessoni (jornalista do portal *Meu timão*) na edição do dia 10 de setembro; e Fernando Fernandes (repórter esportivo da Band), na edição do dia 11 de setembro. O debate concentra-se entre o apresentador, comentaristas e convidados, que fazem e respondem perguntas dando suas opiniões, acompanhados por lances de partidas ou não. A atração conta também com repórteres que entram ao vivo quando chamados pelo apresentador que comanda a dinâmica do programa. Esses repórteres estão

situados em pontos da cidade e repassam ao apresentador informações que possam agregar o debate.

O clássico entre Corinthians e Palmeiras, conhecido por Derby Paulista é um dos grandes focos da atração aqui selecionada, primeiro porque o programa concentra o debate acerca dos principais clubes da cidade de São Paulo, e segundo, pois o apresentador e os comentaristas possuem maior repertório a respeito desses dois times, já que Neto e Edílson jogaram em Corinthians e Palmeiras, enquanto Veloso apenas no último. Os convidados, por sua vez, dificilmente expõem o time para qual torcem, deixando a partir das suas opiniões possíveis hipóteses visto que os demais tendem a provocá-los a respeito. Alguns desses convidados são ex-jogadores dos clubes, assim tendem a adicionar comentários de forma a proteger os clubes que já defenderam. O derby é apresentado pelo programa como sendo de extrema importância dado o retrospecto da rivalidade entre os times, alguns mencionados nessa pesquisa anteriormente. Por meio de quadros, dados, gols, conquistas, lances de jogos antigos, e dos feitos dos debatedores vestindo a camisa dos clubes, o programa busca criar o "clima" para o jogo, alimentando a rivalidade. O pós jogo, consequentemente se concentra no resultado do clássico, coloca em debate também provocações e apostas feitas pelos participantes.

No dia 22 de julho, o tema central debatido entre os presentes foi a volta do Campeonato Paulista, as expectativas em torno do clássico entre Corinthians e Palmeiras, o retrospecto do então técnico corintiano Tiago Nunes, a presença do atacante palmeirense Rony no clássico, a saída do técnico Jorge Jesus do Flamengo e os possíveis nomes a serem convocados para os jogos da seleção brasileira. Contudo, o tema priorizado é o "vandalismo" dos torcedores dia antes do jogo na Arena Corinthians. Esse tema é convocado ao longo de todo o programa e várias são as opiniões acerca do ocorrido, o que influencia, inclusive, um debate sobre as consequências para o placar final do clássico. O programa teve duração de cinquenta e oito minutos.

No dia seguinte após o jogo entre os times, programa do dia 23 de julho, com duração média de quarenta e oito minutos, a atração repercute e debate a vitória do Corinthians, porém o tema "vandalismo" é trazido de volta à cena. Além da presença desse tema o debate é inflamado de provocações pós jogo.

As duas últimas edições selecionadas como dito anteriormente já se referem a outra competição: o Campeonato Brasileiro. Ambas as edições, concentram o debate também em torno das expectativas e desdobramentos do jogo entre Corinthians e Palmeiras. Esses dois programas não destacam um tema "extraordinário" como as edições antes citadas. Nestes, é

possível observar a rivalidade e temas proximamente correlacionados como a chamada "freguesia" e o "clubismo". Em 10 de setembro, para dar início ao debate que durou cerca de quarenta e dois minutos, o programa começa apresentando o quadro "Top Donos", onde podemos acompanhar, de acordo com a legenda, os: "Top 5: gols do dérbi" feitos por Neto e Edilson quando ainda eram jogadores de futebol. Como Edílson jogou nos dois times paulistas, exibem-se gols dele vestindo as duas camisas. Já em 11 de setembro, o foco central é entender os acontecimentos da partida e o porquê de tal resultado (vitória do Palmeiras), a partir das escalações dos times, as substituições feitas pelos técnicos e os gols. Além disso, Neto comenta sobre as questões políticas e financeiras do Sport Club Corinthians.

Perante o exposto, nota-se que, nos programas que compõem o corpus, há prioridade para os dois times. Isso se dá tanto por uma questão editorial (de fato, existe evidência para equipes de São Paulo), quanto pelo recorte empírico que realizamos, selecionando edições transmitidas no dia do clássico entre Corinthians e Palmeiras ou logo depois do confronto.

Para além desta descrição inicial dos componentes do corpus e tendo em vista os operadores analíticos discutidos no capítulo metodológico, propusemos três tópicos (ou categorias) que dizem respeito às temáticas, enquadramentos e problematicidades que nos mostram representações em torno da rivalidade entre os clubes em questão: 1) Limites para a rivalidade: discute-se a forma como um episódio de pichação do estádio do Corinthians é tratado pelo programa, principalmente pelos comentaristas; 2) Clubismo, identidade e mídia esportiva: tópico no qual analisamos como a identidade clubística se faz presente no discurso dos comentaristas, inclusive no que diz respeito à adesão de profissionais da comunicação a determinados clubes; 3) Retrospecto clubístico e provocação: categoria que apresenta como o retrospecto estatístico (vitórias, derrotas, empates, gols) e a memória (fatos marcantes do passado) são abordados e como isso contribui para a representação da rivalidade. Tais tópicos foram detectados a partir da observação dos discursos apresentados pelos comentaristas e também os assuntos abordados durante a atração, que ora se cruzam ora se repetem nas edicões do corpus.

4.1 Limites para a rivalidade

"Vandalismo" foi o tema central tratado na edição do dia 22 de julho de 2020 do programa Os Donos da Bola e posteriormente na edição do dia 23 de julho. Neto inicia o programa e apresenta o tema a ser discutido prometendo não "agredir" torcedores palmeirenses devido às pichações que surgiram na arena corintiana no dia anterior. Porém, refere-se aos responsáveis pelo ato como sendo "bandidos", "safados", "vagabundos" e "ordinários". Sendo assim, a pichação é **enquadrada**¹¹ pelo programa como sendo um ato de "bandidagem" e "vandalismo". No momento em que Neto inicia seu discurso, podemos observar a legenda sobre o tema na tela: "Vandalismo! Torcedores invadem a arena do Corinthians e picham traves e gramados". Ao ver o letreiro, o apresentador se incomoda e pede a direção do programa que o altere, pois, segundo ele, a atitude de pichar não condiz com o comportamento de torcedores. Neto, visivelmente alterado, comenta aos gritos que "bandido não é torcedor", que "bandido é bandido". O posicionamento taxativo é especialmente revelador da direção argumentativa adotada pelo programa. Infere-se, portanto, que, por essa lógica, "torcedor não poderia cometer um ato considerado criminoso".



Figura 9 - O apresentador Neto alterado com a legenda.

Fonte¹²: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 2m43s.

¹¹ Faremos uso do negrito para ressaltar a articulação entre a análise e os operadores metodológicos.

canal

pelo

https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Ggczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&inde x=2&t=471s. Acesso em: 6 ago. 2021.

Publicado

¹² OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (57 min). OsDonosdaBola. Disponível

A legenda, então, é alterada para "Vandalismo! Corinthians tem arena invadida e pichada!", revelando uma forma específica para nomear (e **enquadrar**) uma situação de pichação e provocação na Neo Química Arena, estádio do Sport Club Corinthians. As pichações feitas no estádio e mostradas em imagens são um "8x0" desenhado no campo em alusão à maior goleada do Palmeiras sobre o rival Corinthians em 1933 e o picho "Cássio frango" na trave do gol, em provocação ao goleiro corintiano. O **enquadramento** de "vandalismo" dado pelo programa pode até sugerir que houve um ato de depredação no estádio e que todo o estádio foi pichado, o que não aconteceu, pois as imagens mostram que apenas as traves e campo foram pichados.

Apesar de não sabermos, inicialmente, quem são esses torcedores, suas identidades, idades e profissões, supõe-se que são torcedores do Palmeiras e, possivelmente, membros de torcidas organizadas. Essa suposição se dá, pois o programa nos leva a enxergar por esse caminho, desde as falas iniciais proferidas pelo apresentador até a própria legenda mostrada. Podemos observar que os termos bradados pelo apresentador Neto podem ser considerados como um julgamento em relação às pichações e os seus supostos autores. Além disso, partindo do pressuposto que ele se identifica como torcedor corintiano, se mostra ofendido por ver o estádio do time naquelas condições e avalia que a atitude dos rivais não foi positiva. Vale ressaltar que o comportamento dos torcedores não foi filmado, logo, Neto interpreta a partir das imagens que mostram apenas o resultado final da "invasão" enunciada pelo programa.

Tais comentários feitos por Neto e os demais debatedores se concentram na pessoa do suposto torcedor (ou "bandido") e nenhuma outra circunstância é levada em consideração, "quem é essa pessoa?", "qual sua história?", "onde vive?" etc.

Como Neto aparenta possuir controle da condução do programa, expõe facilmente o que acha sobre o comportamento dos torcedores que "invadiram" a propriedade privada e acaba por convidar os demais comentaristas a comentarem sobre o ocorrido, sugerindo de alguma forma a direção que a discussão pode tomar. Todavia, Veloso e Edílson tecem poucos comentários a respeito; apenas expressam descontentamento com o fato de pessoas "invadirem" uma propriedade privada, o estádio não possuir uma segurança efetiva e afirmam que o acontecimento prejudica os torcedores que estão em casa, "os verdadeiros torcedores" que não se posicionam de tal maneira.

O conjunto das falas nos leva, então, a **questionar** o que seria para esses apresentadores um "torcedor" e um "bandido". Nos parece que o torcedor que expressa seus sentimentos de forma exacerbada através da violência, por exemplo, não pode ser reconhecido

como torcedor. No entanto, a discussão sobre o que é um torcedor não é aprofundada para além do argumento de que "um torcedor não pode se comportar como um bandido". Quando discutimos no capítulo teórico sobre as formas de torcer observamos que a demonstração do afeto do torcedor para com seu time e sua torcida consiste num vínculo identitário e clubístico, que atravessa o cotidiano do torcedor e preenche a sua existência. Tais aspectos não são trazidos ao longo do debate nem mesmo quando eles podem ser articulados com diferentes tipos de violência.

Depois, o convidado do dia 22 de julho de 2020, Rogério Assis, acompanha o raciocínio de Neto e faz uso de termos axiológicos¹³ para tratar dos indivíduos que não são reconhecidos por eles como torcedores e sim como "vândalos". Quando questionado sobre o ocorrido, comenta:

Rogério Assis: É óbvio, tá na cara, não é novidade que isso é ação de vândalo, é ação de marginal. Eu acredito em tudo e não duvido de nada. Não vou isentar aqui entre aspas torcedor de clube A ou clube B, esses caras topam qualquer coisa. Pode ser gente, entre aspas corintiano como pode palmeirense também. A certeza é que são marginais (ROGÉRIO ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Nesse comentário de Rogério Assis, entendemos como "esses caras topam qualquer coisa" como uma referência a um grupo. Isso pode nos levar, inclusive, à associação com os torcedores organizados que, como discutido, frequentemente são vistos associados a violência no futebol. Durante o cruzamento de falas, Neto, nervoso, interrompe Rogério Assis e exclama:

Neto: O cara que vai junto dirigir o carro pra roubar o banco, ele é pior do que o cara que tá com o revólver (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

E Assis responde:

Rogério Assis: Eu não posso incriminar. Ninguém tá dizendo aqui que é A ou B, mas o seguinte: torcida de facção se sujeita a qualquer coisa, de qualquer clube ok. A favor ou contra marginal tem em todo lugar como tem gente boa em todo lugar (ROGÉRIO ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Quando observamos o uso de "torcida de facção", há novamente uma possível alusão às torcidas organizadas, que estando em bando são consideradas como "marginais". Sugere-se ainda que mesmo que um único indivíduo dentre os torcedores tenha realizado os pichos, todos os membros da "facção" seriam culpados ou ao menos, cúmplices.

Posteriormente, para continuar o debate, o repórter Fernando Fernandes entra ao vivo direto da Arena Corinthians trazendo os desdobramentos do caso, com menção ao boletim de

¹³ É a expressão de um julgamento por parte do enunciador, a partir da convocação de valores.

ocorrência realizado pelo clube e a limpeza do campo para o clássico daquela noite. O repórter tenta entrevistar um segurança, mas não é correspondido, já que as diretrizes do clube impedem que funcionários falem com a imprensa sobre o assunto. Fernando Fernandes, então, fala da preocupação das autoridades com prováveis confrontos entre torcidas na cidade, ainda que os protocolos sanitários da pandemia estejam em vigor, restringindo a circulação de pessoas.



Figura 10 - O repórter Fernando Fernandes traz informações sobre o caso.

Fonte: ¹⁴OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 12m45s.

Em seguida, Neto propõe o cancelamento do jogo entre os clubes, argumentando da seguinte forma:

Neto: Alguém de vocês três, alguém que tá aí pode provar pra mim que ninguém vai morrer hoje à noite por causa disso aí?" (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

O radialista Rogério Assis, complementa:

Rogério Assis: Neto, mas *esses caras* se matam de qualquer jeito (ROGÉRIO ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020* - grifos nossos).

Neto: Mas *não são todos, 95,99%* são tudo gente boa (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020* - grifos nossos).

¹⁴ OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=2&t=471s . Acesso em: 6 ago. 2021.

Rogério Assis: Mas esses 5% formam um grupo grande. Esses caras se pegam em trem, metrô, na rua, em ônibus sem qualquer motivação. Eles se matam ou se morrem, desculpem aqui o termo, de qualquer jeito. Eu não vejo nada de motivacional pra uma confusão por causa disso (ROGÉRIO ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020* - grifos nossos).

Mais adiante, o radialista comenta também:

Rogério Assis: É bom lembrar que só tem torcida única por causa de gente que faz isso, que provoca briga, que vai pro estádio pra matar ou pra morrer (ROGÉRIO ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Neste ponto, notamos novamente que Assis, apesar de não fazer uso do termo "torcida organizada", se baseia nos estereótipos vinculados a esses grêmios, como pessoas que promovem a todo custo a violência. Observa-se também o emprego da expressão "esses caras" e do uso de porcentagens como uma forma de delimitar a existência de um grupo ou um "tipo de torcedores". Quando Neto sugere que poderá haver mortes por causa da "invasão" ele pressupõe que as organizações torcedoras geram violência e que no lado oposto dos responsáveis pela pichação há também indivíduos dispostos a efetuar atos de violência.

Além disso, o apresentador sugere que os responsáveis pelas pichações já deveriam estar presos:

Neto: Já tinha que tá preso agora! Os quatro caras preso antes do jogo (faz gesto de braços algemados), tá na cadeia, na cadeia! Mas eu não sei se vai acontecer isso, sabe por quê? Porque a hora que for vai e fala 'é de menor', é sempre assim (em tom debochado), é de menor, aí não pode (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Acerca deste comentário, é possível notar que é levantada a hipótese de os responsáveis pelos atos serem adolescentes, embora não haja quaisquer evidências disso. O **enquadramento** ainda mais específico dado para a **questão** do "vandalismo", portanto, é que se trata de um **problema** relacionado a pessoas menores de idade, que ficariam impunes quando infringem a lei. Daí é possível supor que Neto não está de acordo com a maioridade penal estipulada pela Constituição Federal em 18 anos. A discussão sobre o Estado penal, contudo, não avança, e em vez de verbalizar e tornar explícita qualquer opinião sobre uma possível mudança na legislação, o **problema** é **reenquadrado** rapidamente como uma **questão** relacionada à educação no Brasil:

Neto: A falta de educação nesse país é uma coisa impressionante, cara. Me deixa extremamente triste. Sabe por quê? Um terço do dinheiro pra saúde foi destinado pro Covid-19. Vocês sabiam disso? Um terço! (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Porém, Assis recoloca o **problema** num **enquadramento** punitivista:

Rogério Assis: Mais do que a falta de dinheiro pra educação é a falta de uma justiça que puna gente que faça isso (ROGÉRIO ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Em outra edição, a do dia 11 de setembro, quando torcedores corintianos protestam em frente ao estádio após a derrota para o Palmeiras pelo Campeonato Brasileiro, Neto faz duras críticas aos políticos do Brasil para justificar as agressões feitas por policiais contra os torcedores que estavam no protesto. De acordo com o apresentador, o fato de o país ser "roubado" pelos políticos e não pagar os polícias corretamente justifica as agressões, pois recebem pouco, logo, "a polícia tem que descer a marreta mesmo. Desce a marreta mesmo porque os caras só ganham dois conto por mês". Aqui, percebemos que se entende que é preciso punir aqueles que não respeitam as leis e essa violência seria **enquadrada** como uma forma de os policiais externalizarem seus atrasos salariais e baixos rendimentos.

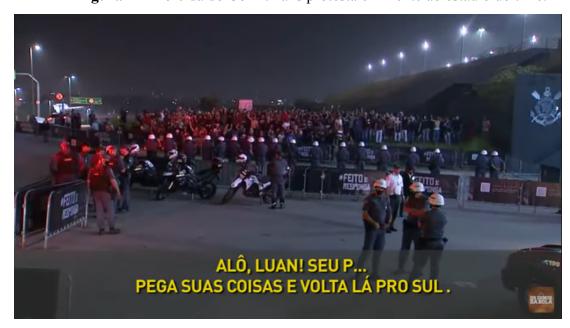


Figura 11 - Torcida do Corinthians protesta em frente ao estádio do time.

Fonte: 15 OS DONOS DA BOLA, 11 de set. de 2020 — 16m11s.

Figura 12 - Policiais agredindo torcedores corintianos.

¹⁵ OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&in

<u>dex=9</u>. Acesso em: 6 ago. 2021.

_



Fonte: 16 OS DONOS DA BOLA, 11 de set. de 2020 — 19m26s.



Figura 13 - Policiais criando uma barreira contra a torcida do Corinthians.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 11 de set. de 2020 — 20m18s.

Aspectos como a sociabilidade promovida pelos grêmios torcedores, assim como fatores de classe, gênero, raça, idade, profissão etc. não são **problematizados** pelos comentaristas e não aparecem no programa. No entanto, percebe-se que determinados tipos de

10

¹⁶ OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=9 . Acesso em: 6 ago. 2021.

agressão (um ataque à propriedade e uma repressão a torcedores) são **enquadrados** com diferentes graus de legitimidade. O primeiro seria um crime praticado por "bandidos"; o segundo seria a consequência do descaso da classe política com profissionais da segurança.

Noutra edição, a do dia 23 de julho, o apresentador volta ao assunto das pichações e comenta que os torcedores estão sendo encontrados:

Neto: Não sei se tá detido, parece que ele já entregou o outro. Já entregou o outro rapaz lá, né. Depois, não adianta vir pedir desculpa não, viu? A verdade tinha que limpar com a língua (faz o gesto) (NETO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

E segue:

Neto: A gente não pode generalizar com a torcida do Palmeiras (NETO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Nesse momento exibem-se imagens de torcedores palmeirenses quebrando os portões que dão acesso ao estádio e surge a legenda: "Vândalos atacam estádio do Palmeiras" e Edilson exclama:

Edílson: Não é torcedor. Isso aí são vândalos na verdade, bandidos na verdade (EDÍLSON, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).



Figura 14 - Torcedores do Palmeiras tentam entrar no estádio do clube.

Fonte:¹⁷ OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 30m5s.

Figura 15 - Portão do estádio do Palmeiras destruído.

¹⁷ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=3 . Acesso em: 6 ago. 2021.



Fonte: ¹⁸OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 30m14s.

Chicão, ex-jogador de futebol e convidado do dia, comenta que a derrota não justifica tal comportamento. Neto logo depois fala o número do departamento policial (DP) em que o torcedor se encontra, pergunta a produção se é possível entrar em contato com o delegado, mas este nega o convite. O apresentador, então, brinca:

Neto: Eu quero ver quando o Datena ligar... Vocês acham que ele fala? (risos). (NETO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Além da localização do jovem torcedor, o apresentador informa a profissão e a idade do suspeito (que não era menor de idade). Nesta situação não haveria porquê identificar o torcedor, mas Neto demonstra não se importar com a segurança do jovem. E quando as imagens das pichações são mostradas novamente na edição pós clássico em que os corintianos venceram o rival, exclama:

Neto: O que está escrito lá? O que está escrito na trave lá? 'Cássio frango'. Aí seu otário, seu Zé ruela, que por sinal se você cair numas parada ai de cadeia, cuidado, vai ter que raspa os pelos em. Porque os corintianos vão pegar você (risos) (NETO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Diante disso, pode-se inferir que Neto pressupõe que o torcedor palmeirense irá sofrer algum tipo de violência na prisão se for identificado por possíveis detentos simpatizantes do Corinthians, o que parece não preocupar o ex-jogador.

 $\underline{\text{ex}=3}$. Acesso em: 6 ago. 2021.

_

¹⁸ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&ind



Figura 16 - Picho "8x0" no gramado do Corinthians.

Fonte: 19 OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 34m10s.

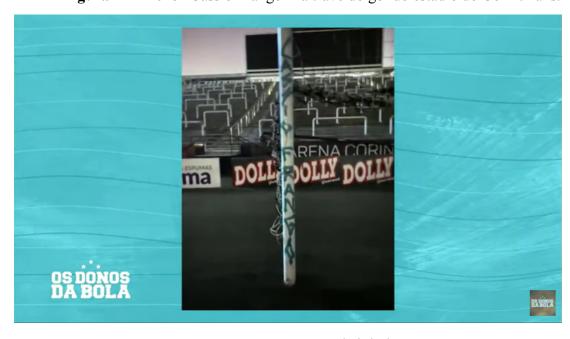


Figura 17 - Picho "Cássio Frango" na trave do gol do estádio do Corinthians.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 34m12s.

Quando cenas dos torcedores palmeirenses tentando entrar no estádio do clube começam a ser mostradas de novo, Neto pede à equipe para não mostrar. Para ele, a

¹⁹ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=3 . Acesso em: 6 ago. 2021.

veiculação das imagens contribui para que eles se tornem "famosos". O apresentador ainda elenca possíveis punições aos envolvidos, como a limpeza dos estádios, pagamento de fiança ou prisão. Em contrapartida, Edílson que não se posicionou na edição do dia 22 de julho, usa o termo "bandidos" para se referir aos responsáveis e não os **enquadra** como torcedores: "isso não é torcedor". Ele, contudo, defende que não há necessidade de punições tão severas, pois provocar faz parte do futebol e que existe "muito mimimi".

Portanto, diante dos diversos comentários feitos, enquanto Neto busca uma solução para o problema apontando possíveis punições aos responsáveis, Edílson que também alimenta essa provocação, enxerga, entretanto, que toda a situação se **enquadra** no âmbito da rivalidade entre os times e os torcedores, e que isso é normal no universo do futebol.

4.2 Clubismo, identidade e mídia esportiva

A identidade clubística que os torcedores carregam é um fator condicionante para as rivalidades. Essa aversão ao outro não é só dirigida entre os torcedores, mas também aos atletas que jogam nessas equipes.

Nesse cenário, "virar a casaca", ou seja, mudar de time não é comum, e é visto como uma tomada de decisão ofensiva por muitos outros torcedores, o que significa carregar o estigma de "oportunista" e "traidor", entoado pelas massas no estádio. Quando o jogador se torna ídolo do rival após ter vestido a camisa do seu clube antes, ele fica marcado por isso. O apresentador Neto, é um exemplo, pois antes de se tornar ídolo do Corinthians vestiu as cores do Palmeiras. Além disso, por ter feito história no Corinthians e não ter tido uma boa passagem de destaque no Palmeiras, é lembrado como um dos jogadores que trocou um rival por outro. O mesmo se deu com Edílson que jogou no Palmeiras e depois vestiu a camisa do Corinthians e respondeu por um dos episódios mais marcantes da rivalidade, quando fez embaixadinhas num clássico que ficou marcado pela briga entre jogadores dentro de campo. Ao contrário dos dois, Veloso só vestiu as cores do Palmeiras entre os clubes paulistas, mas assim como os colegas (hoje torcedores do Corinthians), ele não esconde a paixão pelo Palmeiras. Além de comentaristas, eles se mostram como efetivos torcedores.

Podemos observar isso na edição do dia 22 de julho. Quando a edição chega ao fim, o hino do Corinthians é tocado a pedido de Neto, que segura a camisa do clube. A atitude é criticada pelos demais:

Neto: Pode tocar, toca o hino do Corinthians e deixa aqui (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Rogério Assis: De forma bem parcial termina o programa (ROGÉRIO ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Veloso: Amanhã vai tocar o do Palmeiras (VELOSO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).



Figura 18 - Neto segura a camisa do Corinthians, e o hino é tocado.

Fonte²⁰: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 57m6s.

No dia 11 de setembro, edição após vitória do Palmeiras, o hino do clube é tocado tanto no início quanto no final, mas não é um pedido do comentarista Veloso, e sim de Neto, atitude que surpreende Veloso, já que o hino do Corinthians é mais frequentemente tocado no programa.

Outro ponto a se observar é o fato de que estas quatro edições são especialmente propensas a manifestação de clubismo, não só porque os apresentadores possuem uma identificação com Corinthians e Palmeiras, mas também por tratarem do clássico entre os clubes. No corpus, os assuntos giram em torno do clássico e mesmo que apareçam notícias diferentes, o debate é breve e já nos minutos finais da atração. Foi o que ocorreu, por exemplo, no dia 22 de julho, quando se noticiou a saída do técnico Jorge Jesus do Flamengo

https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=2&t=471s . Acesso em: 6 ago. 2021.

²⁰ OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em:

sob a legenda: "'Novo Mister' Flamengo busca técnico ideal para substituir Jorge Jesus: brasileiro ou estrangeiro??", e foram levantados possíveis nomes a serem convocados para jogar na seleção brasileira. No dia 10 de setembro, tanto no início quanto no final do programa, Neto menciona uma briga entre o técnico do Santos Jorge Sampaoli e o preparador físico Arzul, mas fora esses momentos, que tomaram poucos minutos, o programa segue concentrado na discussão sobre Corinthians e Palmeiras.



Figura 19 - Notícia sobre a saída do técnico Jorge Jesus do Flamengo.

Fonte: ²¹OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 55m14s.

Além disso, os comentaristas são as estrelas do programa; não bastasse serem ex-jogadores, têm seus feitos pelos clubes em questão relembrados com frequência. Para dar início ao debate do dia 10 de setembro, o programa começa apresentando o quadro "Top Donos", onde podemos acompanhar de acordo com a legenda os: "Top 5: gols do dérbi" feitos por Neto e Edilson quando ainda eram jogadores de futebol. Como Edílson jogou nos dois times paulistas, exibem-se gols dele vestindo as duas camisas. No caso de Veloso, exibe-se um gol de falta sofrido por ele e feito pelo próprio Neto vestindo a camisa do Corinthians contra Veloso que jogava no Palmeiras em 1990.

²¹ OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=2&t=471s . Acesso em: 6 ago. 2021.



Figura 20 - Cobrança de falta de Neto em 1990 contra o goleiro Veloso.

Fonte:²² OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 12m48s.



Figura 21 - Comemoração de Neto após fazer gol de falta sobre o Palmeiras.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 12m58s.

Figura 22 - Comemoração de Edílson após fazer gol no clássico.

²² OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=8 . Acesso em: 6 ago. 2021.



Fonte:²³ OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 11m30s.



Figura 23 - Edílson no instante do gol em clássico contra o Palmeiras.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 11m58s.

Essas lembranças, representadas aqui por imagens, são um pedido dos próprios comentaristas à produção da atração que elabora a sequência de gols antes de o debate iniciar.

²³ OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=8 . Acesso em: 6 ago. 2021.

Essa relação tão próxima entre os debatedores e os clubes se relaciona com um valor bastante consolidado no imaginário jornalístico que é a imparcialidade, se tratando especificamente do jornalismo esportivo. Embora possamos enxergar uma maior autonomia em relação à expressão da paixão pelo esporte, existe uma antiga discussão sobre a demonstração de preferências clubísticas de profissionais da comunicação. Quando pensamos nisso, é possível criar relações com o nosso objeto de análise e observar como os apresentadores desse programa se comportam diante das suas paixões.

Os Donos da Bola do dia 22 de julho, inicia-se com um toque de bola do apresentador Neto em direção às mãos do ex-goleiro e comentarista Veloso. Nota-se que apesar de Neto chutar a bola em direção a Veloso, a intenção não é a de acertá-lo, contudo, existe uma tensão em torno do que será feito com esse objeto em cena. Na edição do dia 23 de julho, por exemplo, num momento em que simula como um jogador deve chutar a bola, o apresentador chuta o objeto em direção a câmera e ela só não acerta o cameraman porque o aparelho o protege.



Figura 24 - O apresentador Neto toca a bola em direção à Veloso.

Fonte²⁴: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 33s.

Na do dia 23 de julho, o tratamento dado por Neto aos demais profissionais que fazem parte do programa chama a nossa atenção, pois o condutor não esconde a sua felicidade diante

²⁴ OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=2&t=471s . Acesso em: 6 ago. 2021.

da vitória do Corinthians e mostra-se especialmente expansivo na fala e nas expressões corporais, evidenciando que a atmosfera do programa é diferente dos demais programas de mesmo segmento.

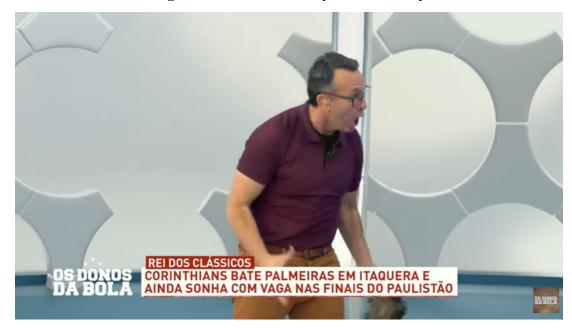


Figura 25 - Neto sendo especialmente expansivo.

Fonte²⁵: OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 19m8s.

Neto: Oh Bisteca, chupa você, Pereira Barreto, sua mãe, seu pai, todo mundo lá de Pereira Barreto, Bisteca. (NETO, Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020).

É possível perceber que demonstrar imparcialidade não é a regra da casa, ao contrário, assumir as cores que cada comentarista defende é algo normalizado. Em todas as edições escolhidas, 22 e 23 de julho, 10 e 11 de setembro, Neto (corintiano), Edílson (corintiano) e Veloso (palmeirense) demonstraram explicitamente suas paixões em relação aos dois clubes em questão. E nesse contexto, uma suposta neutralidade de comentaristas esportivos é **enquadrada** de forma bastante particular:

> Neto: [...] eu sou corintiano mesmo, não sou hipócrita como muita gente é em televisão (NETO, Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020).

A fala acima reflete como a paixão clubística está presente na voz do apresentador que além de não esconder seu posicionamento, julga outros jornalistas esportivos que em seus

²⁵ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&ind ex=3. Acesso em: 6 ago. 2021.

programas não expõe o time para qual torcem (embora sejam frequentemente acusados de parciais quando desagradam torcedores com notícias e análises). Neste sentido, o argumento de Neto, pode funcionar como uma forma de defesa frente ao imaginário da imparcialidade tão difundido no jornalismo. No entanto, ainda que Neto exponha sua paixão, ele não fica isento de receber críticas ou ser facilmente provocado dentro ou fora do programa ou ser acusado de "parcial" pelos colegas (que tampouco escondem suas simpatias). Em 11 de setembro, após vitória do Palmeiras, Neto indaga:

Neto: Parabéns a Sociedade Esportiva Palmeiras e aqueles babacas que queriam tirar o Luxemburgo do Palmeiras. Aonde vocês estão? Aonde tão os jornalistas que entendem de futebol? Que cês ficam nos números aí?! Cês nem sabem quanto é 6x6. Cê sabe Edílson quanto é 6x6? (NETO, *Os Donos da Bola, 11 setembro de 2020*).



Figura 26 - Neto xingando os jornalistas esportivos de "babacas".

Fonte:²⁶ OS DONOS DA BOLA, 11 de set. de 2020 — 4m50s.

Descontente com a derrota do Corinthians frente ao Palmeiras e o bom jogo feito pelo rival, Neto questiona jornalistas esportivos, sem citar nomes, que apontavam antecipadamente a derrota do Palmeiras para o Corinthians. Nesse momento, nota-se que o apresentador não se considera (isto é, não se **enquadra** como) um jornalista esportivo e ofende os profissionais jornalistas.

²⁶ OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=9 . Acesso em: 6 ago. 2021.



Figura 27 - Neto aos gritos com produtor que torce para o time do Palmeiras.

Fonte:²⁷ OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 26m15s.

No debate do dia 23 de julho, os comentaristas discutem a forma como os atletas jogaram na vitória do Corinthians sobre o Palmeiras por um a zero. Entre os assuntos, estão como o gol surgiu, quais jogadores entraram em campo, erros e acertos dos técnicos, não deixando de lado as provocações, que são constantes entre os comentaristas quando se trata do clássico:

Veloso: Claro que depois de uma vitória no clássico a euforia vem (VELOSO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Neto: Vocês perderam pra nós! (NETO, Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020).

Figura 28 - Comentaristas felizes com a vitória do Corinthians sobre o Palmeiras.

-

²⁷ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=3 . Acesso em: 6 ago. 2021.



Fonte:²⁸ OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 19m33s.

Nas falas reproduzidas acima, "vocês" e "nós" referem-se a Corinthians e Palmeiras. O uso dos pronomes no plural revela um aspecto relevante da relação entre torcedores e clubes. Ao dizer "nós vencemos vocês", Neto, que é apresentador e torcedor, se coloca como parte de um mesmo "sujeito" com o clube Corinthians e faz o mesmo com Veloso, Palmeiras e seus torcedores. Nesse sentido, fica evidente a dimensão de "grupo", "clã" (e até "nação") presente na sociabilidade em torno do esporte, como discutimos nos capítulos teóricos. Mais tarde, caminhando para o final do programa, Neto manifesta mais uma vez sua paixão pelo Sport Club Corinthians vestindo a camisa que o zagueiro Gil, autor do gol da vitória do Corinthians sobre o rival, usou na noite anterior.

Figura 29 - Neto vestido com a camisa do Corinthians.

²⁸ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em:

 $\underline{https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04\&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04\&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04\&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04\&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04\&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04\&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04\&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q\&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6Ll8eUVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6UVWcj58kSWf04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHQ04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHQ04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHQ04&indwatch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHQ$

ex=3. Acesso em: 6 ago. 2021.



Fonte²⁹: OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 43m58s.

Em 11 de setembro, o ex-jogador e apresentador do Os Donos da Bola, manifesta aos gritos seu descontentamento em relação à derrota para o Palmeiras. A naturalidade dos colegas diante do comportamento nos faz supor que essa forma de se expressar é recorrente da parte de Neto.

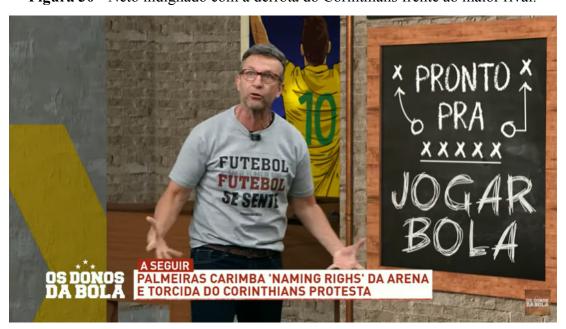


Figura 30 - Neto indignado com a derrota do Corinthians frente ao maior rival.

Disponível https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&ind

ex=3. Acesso em: 6 ago. 2021.

²⁹ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. 1.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo Os Donos da Bola.canal

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 11 de set. de 2020 — 0m40s.

É possível a partir da imagem observar a frase "Futebol não se vê, não se ouve, futebol se sente" estampada na camisa de Neto. Tal enunciado nos leva a um possível significado do futebol, interpretado por alguns torcedores como um sentimento inexplicável, difícil de ser entendido por aqueles que "não sentem o futebol". O uso da camisa no contexto específico da derrota de seu clube para o rival, poderia também sugerir a existência de um afeto que extrapola os resultados objetivos de uma partida. Não interessa que o time perdeu, importa o que se sente pela camisa.

4.3 Retrospecto clubístico e provocação

Dá-se o nome de "freguesia" ao retrospecto desequilibrado que um clube tem diante de outro oponente, em especial entre os times rivais que congregam os chamados clássicos estaduais e interestaduais e até mesmo entre seleções nacionais. Com isso, o time mais derrotado nesse confronto é chamado de "freguês", uma designação que pode ser transmitida de geração a geração. Quando uma equipe vence um campeonato diante de seu maior rival, isso fica guardado na memória e é um dos combustíveis que alimentam a rivalidade e as consequências resultantes dela. A freguesia, portanto, parece ser guiada pelas estatísticas e a memória de torcedores e jornalistas que não se deixam esquecer os confrontos. Nesse contexto, jornalistas e comentaristas esportivos, ativam a todo momento memórias de jogos durante debates sobre futebol, explorando essa relevante dimensão da rivalidade.

Em *Os Donos da Bola*, os apresentadores informam e opinam trazendo frequentemente para a discussão uma lembrança, um número, um jogo, um gol que possa traduzir a oponência de Corinthians sobre Palmeiras ou de Palmeiras sobre Corinthians. Pudemos observar, portanto, que em diversos momentos do debate o retrospecto de vitórias e derrotas, assim como a figura do "freguês" se faz presente com certa ludicidade, responsável por discussões acaloradas e cômicas entre os presentes. Nas edições selecionadas, fica claro

OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=9 . Acesso em: 6 ago. 2021.

que a informação a ser transmitida é o retrospecto positivo que o Corinthians possui frente ao Palmeiras, ao longo do século XXI.

Partindo desse lugar, a equiparação de uma equipe a outras ou um jogador a outros é um ponto presente na atração da Band. Em 22 de julho, por exemplo, encerrado o assunto a respeito das pichações, Neto e Edílson são provocados por Assis e Veloso sobre o tamanho do Corinthians em comparação ao clube espanhol Barcelona. Gargalhadas não faltam em meio a essa comparação. De um lado temos os comentários sarcásticos e irônicos de Assis e Veloso, que vêem no Corinthians um time pequeno; do outro lado, Neto e Edílson, ex-jogadores do clube e declarados torcedores se opõem, pois acreditam que a história de um clube não se compara a de outro. É possível inferir o que Neto e Edílson se propõem a dizer, pois se voltarmos a história do clube, mencionada em capítulos passados, o Corinthians é um clube de origem pobre, nascido na várzea e que construiu sua história diante de diversas desigualdades. Apesar da referência implícita a aspectos socioeconômicos como esses (reveladores de um Brasil cujo futebol reflete em parte as mazelas sociais), essa direção problematológica não é aprofundada. A origem europeia e o sucesso do Barcelona é o que possibilita, para Veloso e Assis, a grandeza do time espanhol.

Logo em seguida, os debatedores comentam o porvir em caso de vitória ou derrota de Corinthians e Palmeiras. Nesse momento, as provocações acerca do "tamanho do Corinthians" dão lugar a qualidade de jogo que os ex-jogadores (hoje comentaristas) possuíam, na chave da provocação:

Edílson: Agora eu vou me vingar, Júlio César é melhor goleiro que Veloso sim... Ele falou que o Messi era melhor do que eu (EDÍLSON, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Neto: Você tá de sacanagem, você tá de brincadeira (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Veloso: Mais muito, mais muito (VELOSO, Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020).

Assis: Mais ai me desculpe, até meu neto de dois anos sabe disso (ASSIS, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Neto: Então vamo lá, falar que o Júlio César é melhor que o Veloso, ai tá de sacanagem, em Edilson (NETO, *Os Donos da Bola, 22 de julho de 2020*).

Figura 31 - Momento em que os comentaristas se provocam durante o debate.



Fonte:³¹ OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 40m06s.



Figura 32 - Veloso aos risos durante discussão sobre o futebol de Edilson.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 22 de jul. de 2020 — 40m23s.

Ainda que os times tenham vencido cada um, ao menos uma partida em 2020, a vitória do Palmeiras não apaga os resultados negativos colecionados ao longo dos anos e isso é

³¹ OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&inde

x=2&t=471s. Acesso em: 6 ago. 2021.

motivo de chacota. Desse modo, é possível entender que o retrospecto de um confronto pode ter "enquadramentos temporais" distintos.

No dia seguinte ao clássico, o lettering é o pontapé inicial do debate: "Freguesia: após vandalismo, Cássio fecha o gol e timão vence verdão em Itaquera". Após dois minutos e meio, os dizeres são alterados para: "Rei dos clássicos: Corinthians bate Palmeiras em Itaquera e ainda sonha com vaga nas finais". Pouco depois, surge, ainda, uma tabela descrita como "Rei dos Clássicos" em que vemos as vitórias do Corinthians sobre os demais rivais da cidade.



Figura 33 - Legenda inicial do programa após o clássico.

Fonte:³² OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 0m21s.

Figura 34 - Legenda que designa o Corinthians como "rei" após a vitória.

³² OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola.

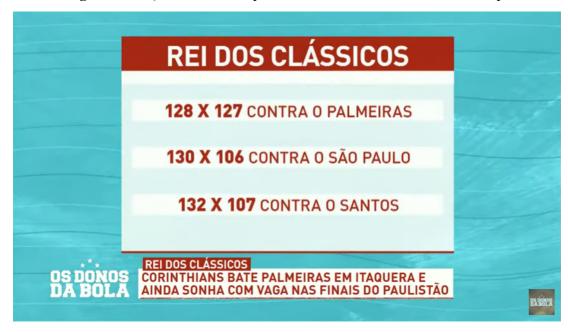
ex=3. Acesso em: 6 ago. 2021.

Disponível https://www.voutube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&ind



Fonte³³: OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 2m30s.

Figura 35 - Quadro do retrospecto do Corinthians frente aos rivais paulistas.



Fonte: OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 4m27s.

Apesar de Veloso tentar driblar o retrospecto, as estatísticas estão dadas no telão e não faltam comentários para **enquadrar** a rivalidade pela perspectiva do retrospecto. Edilson, por

OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. 1.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&ind

ex=3. Acesso em: 6 ago. 2021.

exemplo, comenta que o Corinthians venceu oito dos doze clássicos contra o Palmeiras até então, dia em que o programa foi transmitido:

Edílson: [...] Isso quer dizer o quê? Nos últimos anos, o Corinthians é *soberano* em cima do Palmeiras. É um clássico, mas só tá dando Corinthians. Só dá Corinthians. (EDÍLSON, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020* - grifos nossos).

No que Veloso concorda e responde:

Veloso: Virou uma *freguesia*. (VELOSO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020* - grifos nossos).

Edílson: Virou uma *freguesia*... ah já virou uma *freguesia*? (EDÍLSON, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020* - grifos nossos).



Figura 36 - Edílson se surpreende com o reconhecimento da freguesia por Veloso.

Fonte:³⁴ OS DONOS DA BOLA, 23 de jul. de 2020 — 3m53s.

Mesmo com o recurso aos números do retrospecto entre os times, ao longo do debate, os comentaristas não se aprofundam numa análise detalhada, para além da constatação da "soberania" ou "freguesia".

Em outro momento, Neto cobra Veloso sobre uma aposta feita entre eles no dia anterior. Apesar da falta de mais detalhes sobre o desafio, sabe-se que Veloso deve pagar a aposta com salgados e doces (é o que faz), e o mesmo valeria para Edilson e Neto em caso de

³⁴ OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=3. Acesso em: 6 ago. 2021.

vitória do Palmeiras. Em seguida, exibe-se parte da entrevista do então técnico do Palmeiras Vanderlei Luxemburgo lamentando a derrota. Após a entrevista, vemos a exposição do "eu" apaixonado e provocador entre Neto e Veloso, recorrendo inclusive a termos chulos.

Neto: Chupa! (NETO Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020).

Veloso: Calma, tem rodada ainda (VELOSO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Neto: Oh Veloso, você quer apostar com nóis? (NETO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Veloso: Você sabe qual é a diferença? O Palmeiras perdeu e tá classificado, vocês ganharam e tão fora (VELOSO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Neto: Vocês perderam pra nóis, tem que usar fralda (NETO, *Os Donos da Bola, 23 de julho de 2020*).

Diante do que nos é revelado, é inegável que a rivalidade entre os clubes está também presente no discurso dos comentaristas e que o fato de um time vencer o outro promove esse tipo de discussão acalorada, uma disputa para decidir quem está certo e quem está errado, mesmo eles não estando em campo. No espaço do debate, as palavras podem, portanto, alterar — ou seja, **reenquadrar** — o resultado do jogo, mesmo ele já tendo sido finalizado. Já no final da atração, o mediador provoca Veloso novamente, perguntando se ele quer apostar que o Corinthians vai se classificar para as próximas fases do campeonato. Sugere-se que o embate não se encerra diante desse convite, ainda que não saibamos se efetivamente houve uma nova aposta nos bastidores.

Outrora, na edição do dia 10 de setembro, o debate é ilustrado através da lettering: "Hoje é dia de dérbi em Itaquera!".

Figura 37 - Lettering indicando que o debate será sobre o derby.



Fonte³⁵: OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 13m31s.

Pouco depois, a legenda é modificada e passa a ser: "Freguês? Palmeiras sofre em retrospecto recente e amarga dois anos sem vencer Corinthians". É nesse clima que as discussões nascem em torno do jogo que aconteceria horas mais tarde. A mudança do nome da arena corintiana que passará a ser chamada de "Neo Quimica Arena" é um aspecto considerado como importante no debate, visto que tal mudança lembra os debatedores sobre um aspecto curioso do clássico. Na estreia das novas arenas, o Palmeiras ganhou os dois jogos, embora tenha perdido em casa na disputa pelo título estadual de 2018.

Neto: Quem perdeu o primeiro título? Cês perderam pra quem no Allianz Parque? (NETO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

Veloso: Teve uma final do paulistinha? Com a intervenção do Var (VELOSO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

O apresentador pede a produção para disponibilizar imagens de uma faixa feita pela torcida corintiana que ilustra o acontecimento. A produção exibe, mais tarde, a imagem do estádio do Corinthians com uma faixa estampada com os dizeres: "08-04-2018 ainda sangra", em alusão ao título paulista conquistado pelo Corinthians na casa do rival.

Figura 38- Faixa estendida pela torcida do Corinthians em seu estádio.

-

³⁵ OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=8 . Acesso em: 6 ago. 2021.



Fonte:³⁶ OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 18m48.

Veloso quando questionado sobre o que a faixa se referia responde:

Neto: Que que é essa data aí Veloso? 8 de abril de 2018. Que que aconteceu nesse dia? Sangra no seu coração (NETO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

Veloso: No meu coração? (VELOSO, Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020).

Neto: Ah sangra... No meu irmão Jones, dos parmeirense, do Galiotte, do Paulo Nobre... 8 de abril de 2018 ainda sangra e sangra e sangra (NETO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

Veloso: Ahh, pensei que você estava falando da Vila e aparece a foto da Neo Química arena. Isso aí é final do paulista. As coisas, tudo evolui, né. Nesse dia foi descoberto o Var (VELOSO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

Nesse diálogo repleto de provocações, Neto relembra a final do Campeonato Paulista de 2018. Podemos deduzir que a lembrança e a imagem sustentam e incrementam seus argumentos e até mesmo a própria rivalidade entre os clubes e os torcedores. Sob outra perspectiva, a imagem deixa Veloso sem saída ao ponto de ele justificar que a vitória do Corinthians sobre o Palmeiras se deu por causa da intervenção do VAR³⁷. Pode-se inferir a partir dessa justificativa que ela corresponde a um comportamento de um torcedor que não aceita a derrota dentro de campo e procura através de fatores externos uma justificativa para

³⁷ Abreviatura da expressão inglesa *Video Assistant Referee*, é um recurso de vídeo usado pelos árbitros para consultar lances do jogo. É popularmente conhecido no país como árbitro de vídeo.

³⁶ OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=8 . Acesso em: 6 ago. 2021.

explicar a derrota. No que diz respeito à faixa da torcida, bem como a fala de Neto "sangra, sangra e sangra", entende-se como uma analogia à guerra entre os clubes e torcedores, em que o derrotado (Palmeiras e palmeirenses) ainda estão feridos e sentindo a dor da derrota, mesmo dois anos depois. O imaginário da guerra simbólica é explicitamente convocado para **direcionar** os rumos da discussão.



Figura 39- Instante em que Neto pede aos gritos a produção "Bota a data de novo".

Fonte: 38 OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 18m44s.

Enquanto a imagem ocupa a tela, em resposta a fala anterior de Veloso, Neto comenta: **Neto**: Você é engraçadinho (NETO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

Após o comentário o apresentador, aproxima-se da poltrona de Veloso e levanta os pés em direção ao comentarista, para acertá-lo ao que parece sem intenção de machucar, em resposta ao comentário de Veloso. O comportamento de Neto é destaque, pois seu corpo responde ao que está sendo dito, logo, sendo provocado pelo rival, reagiu instantaneamente a mensagem, mas estando ao-vivo e ocupando a posição que ocupa, não reage "pra valer", o que **enquadra** o "golpe" no âmbito da brincadeira.

Figura 40 - Neto estica os pés em direção à Veloso.

³⁸ OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=8 . Acesso em: 6 ago. 2021.



Fonte³⁹: OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 19m14s.

Prontamente, imagens de jogos entre os clubes são reproduzidas, até que, uma tabela sobre os confrontos do século XXI entre os times aparece.

CORINTHIANS
X PALMEIRAS
SÉCULO 21

56
JOGOS
56
23
VITÓRIAS
14
19
EMPATES
19
64
GOLS MARCADOS
57
17
TÍTULOS
6
MAIOR ARTILHEIRO - ROMARINHO (5 GOLS)

Figura 41 - Tabela do retrospecto do Corinthians sobre o Palmeiras no século.

Fonte: OS DONOS DA BOLA, 10 de set. de 2020 — 21m24s.

³⁹ OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&in

<u>dex=8</u> . Acesso em: 6 ago. 2021.

Sobre os números apresentados, Veloso insinua que o produtor sempre favorece o Corinthians. Neto então sugere:

Neto: Tá bom, eu vou começar pelo top. O Corinthians é bi mundial, cês são o quê? (NETO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

Veloso: É mundial também. O primeiro mundial (VELOSO, *Os Donos da Bola, 10 de setembro de 2020*).

Após a fala de Veloso, aos risos o apresentador manda Veloso plantar "batatas e mandiocas". Esse comentário se dá, pois parte dos fãs de futebol não consideram o Palmeiras um campeão do Mundial de Clubes. Apesar de a conquista ser reconhecida pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e haver registros, o fato de ter ocorrido no século passado, em 1951, sob regras bem diferentes da competição atual, tornou-se uma piada e, por isso, é usada como provocação e brincadeira contra a Sociedade Esportiva Palmeiras.

No programa do dia 11 de setembro, após o clássico em que o Palmeiras saiu vencedor, a primeira legenda que aparece na tela é: "A seguir: Palmeiras carimba 'naming rights'40 da arena e torcida do Corinthians protesta". É nessa edição que o apresentador veste uma camisa estampada com a frase "Futebol não se vê, não se ouve, futebol se sente" e pergunta a Veloso o que está escrito, ao que o ex-goleiro responde brincando: "Palmeiras deu chocolate ontem". Mais adiante, Neto traz para o debate a imagem da rede social do ex-goleiro palmeirense Marcos, que faz uma publicação em provocação aos corintianos. A mensagem é mostrada pelo programa: "Nome novo, batismo novo.... mas com o mesmo padrinho!! Ainda bem que tá sobrando dipirona por lá agora!!" em referência ao estádio cujo nome é de uma empresa que fabrica remédios. Diante dos comentários sobre as brincadeiras feitas pelos jogadores, Edilson, visivelmente incomodado com as atitudes, diz não concordar com essas provocações, ainda mais vinda de um ex-jogador de futebol e ídolo. E, mesmo que os demais reforcem que ele se comporta da mesma maneira quando o Corinthians ganha, o ex-atacante afirma que "não desaparece" quando sua equipe é derrotada, sugerindo que Marcos e outros jogadores só brincam nas vitórias, o que é negado pelos comentaristas, afirmando que Marcos é um torcedor que aparece na derrota e na vitória. Para comprovar o caráter provocador de Edilson, Neto ainda cita o episódio das embaixadinhas feitas por Edilson na década de 1990. Considerando o corpus de análise deste trabalho, é relevante lembrar que na edição do dia 22 de julho Edilson afirma que provocar é normal e que é preciso deixar de "mimimi". Diante disso, reparamos que existe um conflito de enquadramentos temáticos entre os comentaristas, em que cada um deseja levar o debate

-

⁴⁰ Naming rights, prática de concessão de nome de uma empresa ou produto a um espaço cultural.

para uma direção argumentativa diferente para se proteger de possíveis ataques, mas também para defender o seu ponto de vista.

Ademais, a escolha por veicular uma mensagem de um ídolo da torcida palmeirense revela a estratégia de inflamar cada vez mais o debate, explorando a rivalidade entre os times e os comentaristas por parte da atração. Nesse sentido, a provocação feita entre ex-jogadores como Marcos e Edilson só reforça essa atmosfera.



Figura 42 - Neto chuta a bola em direção à Veloso após provocação.

Fonte: 41 OS DONOS DA BOLA, 11 de set. de 2020 — 32m53s.

Figura 43 - Edilson repreendendo a atitude do ex-jogador Marcos.

<u>dex=9</u> . Acesso em: 6 ago. 2021.

⁴¹ OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&in



Fonte: ⁴²OS DONOS DA BOLA, 11 de set. de 2020 — 33m10s.

⁴² OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=9 . Acesso em: 6 ago. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou a representação da rivalidade entre corintianos e palmeirenses no programa esportivo *Os Donos da Bola*. O interesse pela atração como objeto de análise deste trabalho se deu, por este estar há quase dez anos no ar sendo apresentado e comentado por ex-jogadores que não escondem a identidade clubística com a qual se identificam. Desse modo, este trabalho considerou as temáticas, discursos, letterings e imagens correspondentes à rivalidade entre Corinthians e Palmeiras em quatro edições, visando observar nas atrações pré-jogo e pós-jogo, manifestações de cunho clubístico que possam alimentar e mostrar aspectos da rivalidade entre os clubes.

Ao final do percurso, reiteramos a pertinência da discussão levantada para a área da comunicação, tendo em vista tanto a abrangência do programa televisivo *Os Donos da Bola* e da própria televisão — como um meio de comunicação massivo — quanto aos resultados obtidos na análise.

Foi possível observar vários pontos de convergência entre as discussões realizadas acerca da cobertura esportiva apresentadas nos capítulos iniciais com os resultados do estudo. Nesse sentido, a discussão sobre a neutralidade da cobertura esportiva e a manifestação de emoção mostram-se relevantes. Observamos que os apresentadores de *Os Donos da Bola* são transparentes em relação à identidade clubística. Consequentemente, a atração acaba direcionando o programa para um caminho que inflama cada vez mais a rivalidade entre Corinthians e Palmeiras. É possível, portanto, observar a atração como uma espécie de campo de batalha entre os apresentadores que a todo custo atacam e contra-atacam os demais comentaristas com base nas cores que defendem. Pudemos observar isso também à medida que a atração traz dados a respeito do retrospecto do clássico, mas elas não desencadeiam uma discussão estatística mais aprofundada, sendo substituídas por comentários de cunho mais sentimental.

Reconhecemos que a temática do programa desde seu início trata do universo do futebol e, de forma geral, os elementos que fazem parte do cenário conversam com o tema. Os frames escolhidos, tanto para a caracterização do objeto quanto para a análise propriamente dita, nos mostram como funciona a dinâmica de distribuição dos discursos entre os apresentadores, suas reações e, consequentemente, o tratamento dado à rivalidade entre Corinthians e Palmeiras. Em vista disso, pode-se inferir que os frames selecionados são as

representações de torcedores expressando seus sentimentos esportivos evocados a partir da rivalidade entre os clubes pela atração.

A discussão sobre a violência no futebol, que foi um ponto debatido no capítulo 2, ressurge ao longo da análise. No *programa* do dia 22 de julho de 2020, vimos a atração enquadrar um episódio de pichação como "vandalismo". Nota-se que nesse episódio o termo "torcida organizada" não foi usado, mas ficou implícito em algumas falas, principalmente do apresentador Neto e do radialista Rogério Assis, que as agremiações eram responsabilizadas pelo ato. A conclusão apressada e pouco fundamentada em evidências sobre os atos revela uma abordagem superficial do problema da violência e da sociabilidade construída em torno das torcidas, em especial daquelas que se enquadram na categoria de "torcidas organizadas".

De acordo Silva e Júnior (2009), autores convocados no capítulo 1, os programas esportivos apesar de possuírem identidades distintas, são idênticos a respeito das temáticas. Todavia, a análise de *Os Donos da Bola* revela nuances significativas, sobretudo por seus componentes sentimentais e pela forma como cada ator do debate se coloca, misturando informação jornalística com relatos profissionais e pessoais de ex-jogadores — agora torcedores num programa de TV. A linguagem se caracteriza, portanto, por ser nitidamente clubista e emotiva, trazendo novas configurações à informação transmitida pela atração. Essa é, por sua vez, a identidade da atração da rede Bandeirantes.

Nesse mesmo capítulo 1, recorremos às contribuições de Afonso e Júnior (2003), que conferem à cobertura futebolística um caráter banalizador, em que a importância do esporte para os meios só existem momentaneamente, quando o torcedor procura saber o resultado. Contudo, não é o que observamos ao longo da análise; o que vimos é um programa esportivo que cria expectativas em torno de um clássico trazendo informações para além do jogo. É o caso da edição do dia 22 de julho, quando a atração trouxe para o debate o episódio de pichação de torcedores, fator que o programa julgou importante de ser tratado, já que envolve o derby. Portanto, não se trata apenas de resultado, pois o programa expõe tramas que não são estritamente futebolísticos, mas que fazem parte desse universo. Dessa forma, este estudo converge com outros autores — como Coelho (2004; 2009; 2017), Jáuregui (2010) e Unzelte (2017) — ao observar que o futebol e os assuntos em torno dele "não acabam quando o jogo acaba". A discussão e os afetos continuam nos noticiários, telejornais esportivos e na vida dos torcedores, sendo debatidos ao longo de semanas, meses e relembrados no decorrer dos anos.

Silva (2020) em análise sobre o mesmo objeto, como vimos no capítulo 1 deste trabalho, faz uma contraposição entre informação e opinião. Entretanto seus achados poderiam receber maiores aprofundamentos, já que existem diversas maneiras de formar uma

opinião no universo do futebol. Como vimos a partir de *Os Donos da Bola*, é possível opinar a partir dos retrospectos, de dados estatísticos e, inclusive, a partir das paixões inerentes desse tipo de vivência. Diante disso, as discussões acerca da presença da emoção na opinião dentro do jornalismo esportivo carecem de ser mais aprofundadas, levando em conta enfoques afetivos e sociológicos.

Por fim, consideramos que esta pesquisa foi capaz de encontrar um conjunto de evidências quanto à representação da rivalidade entre Corinthians e Palmeiras no programa esportivo *Os Donos da Bola*. Em resumo: a rivalidade entre Corinthians e Palmeiras é tratada de forma clubista e apaixonada, combinando aspectos estatísticos com relatos pessoais, análises pouco preocupadas com a factualidade e a manifestação ostensiva de emoções.

Outros pontos carecem de respostas e poderão ser abordados em trabalhos futuros dedicados à compreensão das formas como a rivalidade entre Corinthians e Palmeiras é representada em *Os Donos da Bola*. Nesse sentido, é relevante observar o funcionamento da dinâmica do torcedor-programa a partir das redes sociais, principalmente no canal do youtube em que os programas ficam armazenados e os torcedores comentam. Da mesma maneira, seria relevante compreender as dinâmicas de sociabilidade e interação que fazem parte dos processos de produção e recepção em torno da atração.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Gilmar Francisco; JÚNIOR, Wanderley Marchi. O esporte dentro do telejornal. **ANPUH – XXII Simpósio nacional de história**, [*S. l.*], p. 1-8, 2003. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177543_c8e2cc5f6c216068cf8 d20954b2b6b98.pdf. Acesso em: 12 set. 2021.

ARAÚJO, José Carlos. O grande show radiofônico. In: **Jornalismo esportivo:** os craques da emoção. Rio de Janeiro: Ed. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. p. 15-19.

BOCAGE, Sergio Du. Na mesa-redonda. In: **Jornalismo esportivo:** os craques da emoção. Rio de Janeiro: Ed. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. p. 65-70.

CAMPOS, Hugo Berlingeri; LOUZADA Roberto. A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo de torcidas de futebol a escolas de samba. **Revista Maguaré**, Bogotá, v.22, n.2, 2012, pp. 147-171. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4862384 . Acesso em: 12 de jul. de 2021.

CARDOSO, João Batista Freitas. **Cenário televisivo**: linguagens multiplas fragmentadas. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARVALHO, Carlos Alberto de. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. INTERCOM - XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, [S. l.], p. 1-13, 2009. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/r14-0206-1.pdf. Acesso em: 8 nov. 2021.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil - elementos teóricos e bibliográficos. **Revista da Alesde**, Curitiba, v.3, n.1, p. 39-51, 2013. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/29671/20870. Acesso em: 12 de jul. de 2021.

COELHO, Paulo Vinicius. Entre torcer e distorcer. In: **Jornalismo esportivo:** os craques da emoção. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. p. 15-20.

_____, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2009.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.03, p. 82-91, 2001. Disponível em: https://ludopedio.com.br/wpcontent/uploads/175628_Damo%20-%20Futebol%20e%20estetic a.pdf . Acesso em: 5 de jul. de 2021.

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, [S. l.], n. 22, p. 10-17, 1994. DOI:

https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954. Acesso em: 5 jul. 2021.

DIAS, Vitor Quartezani. **Imprensa esportiva e a construção dos torcedores brasileiros**. 2011. Monografia (Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba. 2011.

EMEDIATO, Wander. A argumentação na mídia: problematicidade e avaliação ética. *In*: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (org.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. v. 3, p. 79-89.

HEIZER, Teixeira. Em busca da emoção perdida. In: **Jornalismo esportivo:** os craques da emoção. Rio de Janeiro: Ed. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. p. 77-82.

JÁUREGUI, Carlos. **JOGOS DE PAIXÃO:** uma abordagem discursiva das emoções nos títulos do jornalismo esportivo mineiro. Dissertação (Mestrado em Linguística do Texto e do Discurso) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

KFOURI, Juca. Entre torcer e distorcer. In: **Jornalismo esportivo:** os craques da emoção. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. p. 9-11.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.27, n°4, 2013, p. 597-612. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbefe/a/LNLnTSjfzxj8F7zGnXxzVrP/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 12 de jul. de 2021.

MACHADO, A.; VÉLEZ, M. L. Questões metodológicas relacionadas com a análise de televisão. **E-Compós**, *[S. l.]*, v. 8, 2007. DOI: 10.30962/ec.123. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/123. Acesso em: 12 set. 2021.

MIRANDA, C. E. S. MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (orgs.). Análises do discurso hoje, volume 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Lucerna, 331 páginas, 2010. Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 187–190, 2011. DOI: 10.26512/les.v11i2.10462. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/10462. Acesso em: 8 nov. 2021.

NORONHA, Sérgio. O poder das imagens. In: **Jornalismo esportivo:** os craques da emoção. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. p. 71-75.

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga de; VELOSO, Letícia Helena Medeiros. Paixão e Violência: expressão das emoções nas narrativas de torcidas organizadas de futebol. **Revista O público e o privado**, Ceará, n.34, 2019, p. 111-136. Disponível em: http://seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=364 6&path%5B%5D=2784 . Acesso em: 12 de jul. de 2021.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Revista Movimento**, Rio Grande do Sul, vol. 22, n. 3, 2016, pp. 693-705. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/57150/38843 . Acesso em: 8 de jul. de 2021.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Introdução. In: SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Camile Luciane da; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo. **Razón y Palabra**, Cidade do México, n.69, 2009, p.1-19. Disponível em: https://ludopedio.com.br/biblioteca/comunicacao-televisiva-reflexoes-e-consideracoes-sobre-o-telejornalismo-esportivo/ >. Acesso em: 23 jun. 2021.

SILVA, Fernanda Mauricio da. Jornalismo esportivo como área específica na televisão: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola. **Revista Intercom**, [*S. l.*], 2005, p. 1-15. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93982054208705735375873813744937085693.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.

SILVA, Lara Valentim Talarico Da. **Informação X Opinião**: o jornalismo esportivo na berlinda. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) — Centro Universitário UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

STYCER, Maurício José. **Jornalismo Esportivo**: 110 Anos Sob Pressão (Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes). In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Santos, 2007. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: Desafíos e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 11, n.28, p. 1-26, 2016. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48474 . Acesso em: 7 de jul. de 2021.

UNZELTE, Celso; COELHO, Paulo V. **Derby 100 anos**: Palmeiras X Corinthians. São Paulo: Inbook Editora, 2017.

WISNIK. José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PROGRAMAS ANALISADOS:

OS DONOS DA BOLA - 22/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5T-k-Gqczck&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=2&t=471s. Acesso em: 6 ago. 2021.

OS DONOS DA BOLA - 23/07/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghL69n6dw5Q&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=3. Acesso em: 6 ago. 2021.

OS DONOS DA BOLA - 10/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHZfGbBUzyg&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=8. Acesso em: 6 ago. 2021.

OS DONOS DA BOLA - 11/09/2020 - PROGRAMA COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OsDonosdaBola. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wgHmvlvAzcA&list=PLWpHnZGWoWeS4i6LL8EUVWcj58kSKFV04&index=9. Acesso em: 6 ago. 2021.

EPÍGRAFE:

BOLEIROS - Era uma vez o futebol. [*S. l.*: *s. n.*], 1998. 1 vídeo (93 min). Publicado pelo canal RamaoGarcia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xePtQ059mXA. Acesso em: 29 dez. 2021.